



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**A ESPIRITUALIDADE EM EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA:  
Como vivem as crianças a sua espiritualidade?**

**MARIA ISABEL CARNEIRO**

Nº 27207

**Orientador do Relatório:**

**PROF. DOUTORA ANA TERESA BRITO**

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada submetido como requisito parcial para a  
obtenção do grau de:

**MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**

2021



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**A ESPIRITUALIDADE EM EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA:**

**Como vivem as crianças a sua espiritualidade?**

**MARIA ISABEL CARNEIRO**

**Nº 27207**

**Orientador do Relatório:**

**PROF. DOUTORA ANA TERESA BRITO**

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada submetido como requisito parcial para a  
obtenção do grau de:**

**MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**

**2021**

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizado sob a orientação da Professora Doutora Ana Teresa Brito, apresentado no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar, criado por Aviso n.º 9931/2017, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 165, de 28 de agosto de 2017.

## **Agradecimentos**

A realização deste relatório representa, para mim, o culminar de 5 anos de trabalho e dedicação à nova profissão que decidi abraçar, a de Educadora de Infância. Sozinha, sem o apoio de quem me rodeia, não teria sido possível e, desta forma, quero agradecer a algumas pessoas que foram determinantes para que conseguisse alcançar o meu objetivo.

Em primeiro lugar à minha família, ao meu marido e aos meus filhos.

Ao Diogo, meu marido, por ter sido o meu pilar e a minha segurança ao longo destes anos de formação - foi ele que me amparou nos momentos mais difíceis, que me substituiu junto dos meus filhos e que me encorajou quando me parecia impossível continuar, acreditando sempre em mim.

Aos meus filhos Henrique e Francisco que me inspiraram todos os dias nesta procura de uma nova vida para a nossa família, que me encantam com a infância deles, com a sua generosidade, a sua capacidade de ser feliz e de se maravilhar com tão pouco. Os meus filhos são a minha maior alavanca na vida para querer continuar a crescer e procurar mais e melhor para mim e para eles.

À minha mãe que é a minha retaguarda, que está sempre lá e a quem eu ligo quando mais preciso... que me ama incondicionalmente e que está ao pé de mim, um segundo depois de eu precisar, mesmo vivendo a 300km de distância.

Às minhas amigas que este percurso que trouxe, principalmente à Madalena Cancela por ter crescido comigo numa verdadeira partilha de conhecimentos e valores, num caminho onde estivemos sempre uma para a outra. À Filipa Balbino que esteve presente nestes dois últimos anos a tempo inteiro - juntas, ajudamo-nos uma à outra para que fosse possível chegar até ao final. E por fim, mas não menos importante, à minha amiga Liliana Leitão que se tornou família para mim e para os meus filhos, que acompanhou, de perto, o meu processo de formação, dando-me sempre ânimo e coragem, cuidando dos meus filhos nos momentos em que mais precisei.

À minha coordenadora e amiga Catarina Pimentel que acreditou em mim, apostou em mim para a sua equipa e que tanto me ajudou a crescer pessoal e profissionalmente.

À Professora Ana Teresa Brito que é uma inspiração para mim desde que a conheço, pela sua positividade, alegria e bem-estar com a vida e, que nestes últimos dois anos, foi

determinante para que eu continuasse o meu caminho e chegasse até aqui... Foi mais que uma professora e orientadora, foi uma amiga que soube cuidar de mim quando precisei.

À Professora Elisabete Gomes que me fez crescer tanto no final da licenciatura, que é um exemplo para mim e que, mesmo longe, se manteve presente.

À Professora Maria João Ataíde por toda a sua generosidade ao longo deste processo; por me ter recebido na sua casa e por me ter enriquecido tanto com as suas partilhas, como com a sua sabedoria - os momentos que passamos juntas foram focos de alento e energia para todo este caminho.

A todos os Professores que se cruzaram comigo ao longo destes cinco anos e com quem tive o prazer de aprender e realizar tantas partilhas - tenho-os todos no meu coração.

A todas as crianças que estiveram comigo nos meus estágios e no meu trabalho que foram fonte de inspiração diárias, e que me mostraram sempre que este era o caminho a seguir.

A todas as crianças que cuidei, enquanto enfermeira, que me ensinaram tanto e me ajudaram a ser uma pessoa melhor - sou privilegiada por as ter conhecido.

E à minha amiga Nonó que tanto me incentivou a seguir este caminho, mesmo quando todos achavam uma loucura e, infelizmente, não o conseguiu presenciar até ao fim... dedico-lhe este trabalho.

## **Resumo**

Este relatório surge no âmbito da Unidade Curricular de Prática Supervisionada em Jardim de Infância, integrada no Mestrado em Educação Pré-Escolar (EPE) conducente ao grau de Mestre em EPE do ISPA-Instituto Universitário.

A Prática Supervisionada em Jardim de Infância decorreu numa instituição de cariz privado e católico, numa sala com um grupo de crianças de 3 anos.

O presente estudo sobre a espiritualidade em Educação de Infância, enraíza-se numa problemática intrínseca e motivacional que se adequa ao Projeto Educativo da instituição.

As questões de partida nasceram da minha necessidade em aprofundar conhecimentos relacionados com a espiritualidade na infância, nomeadamente na prática docente nesta dimensão humana.

O estudo teve por base uma metodologia qualitativa, recorrendo a instrumentos de pesquisa, nomeadamente à observação e a entrevistas que ajudaram a compreender melhor a expressão da espiritualidade nos contextos práticos de Educação de Infância.

Com os dados recolhidos e com as leituras efetuadas e sintetizadas no enquadramento conceptual consegui adquirir e aprofundar conhecimentos teórico-práticos relacionados com intervenção do Educador de Infância na área em questão.

Destacam-se a importância da capacidade de observação e de escuta, a sensibilidade e a promoção do tempo e do espaço a cada criança, para que se sinta segura potenciando confiança e bem-estar. O acróstico definido por Nye (2019) - S.P.I.R.I.T. - que estabelece seis critérios para o trabalho diário do/a Educador/a de Infância com as crianças visando potenciar a sua espiritualidade, foi essencial para ajudar a concretizar a intencionalidade educativa que permite atribuir sentido fundamentado à ação pedagógica.

Palavras-chave: Jardim de Infância, Espiritualidade, Estratégias Pedagógicas.

## **Abstract**

This report is part of the Curricular Unit of Supervised Practice in Kindergarten that integrates the master's degree in Pre-school Education (PSE) leading to the degree of Master in PSE of ISPA-Instituto Universitário.

The supervised practice in kindergarten took place in a private and catholic institution with a group of 3-year-old children.

This study on spirituality in Early Childhood Education is rooted in an intrinsic and motivational problem that fits the internship context.

Opening questions arose from my need to deepen knowledge related to spirituality, as well as to the teaching practice within this human dimension.

The study was based on a qualitative methodology, using as research tools, namely observation and interviews which helped to better understand the expression of spirituality in the practical life contexts of the professionals and the children.

With the data collected and the readings carried out and summarised in the conceptual framework, I was able to deepen my knowledge on the subject under study related to the intervention of the Early Childhood Educator in the area in question.

Final considerations highlight the importance of observation and listening skills, sensitivity and the promotion of time and space for each child, so that they can feel safe, boosting confidence and well-being. The acrostic defined by Nye (2019) - S.P.I.R.I.T. - which establishes six criteria for the daily work of the Early Childhood Educator with children aiming at enhancing their spirituality, was essential to help concretize the educational intentionality that allows a meaningful pedagogical action.

**Keywords:** Kindergarten; Spirituality; Pedagogical Strategies.

## Índice

Capítulo I - Contexto e Problemática .....	9
1. Problemática .....	9
2. Caraterização do Contexto.....	12
2.1. Caraterização da Instituição .....	12
2.2. Caraterização do Grupo.....	14
2.3. Caraterização da Sala .....	16
2.4. Organização do tempo educativo .....	17
Capítulo II - Enquadramento Teórico.....	18
1. Definição do Conceito de espiritualidade.....	18
1.1 Evolução do conceito de espiritualidade .....	19
1.2 A espiritualidade nas crianças.....	20
1.3 A espiritualidade na profissão docente .....	22
1.3.1 Documentos fundamentais em Educação de Infância e sua potencial relação com a espiritualidade na docência .....	25
Capítulo III - Opções Metodológicas .....	29
Capítulo IV - Análise reflexiva decorrente da Prática Supervisionada .....	33
Capítulo V - Considerações finais .....	47
Referências Bibliográficas.....	50
Anexos .....	52
Anexo 1 .....	53
Narrativa Autobiográfica .....	53
Anexo 2 – Notas de Campo .....	56
2.1. Nota de campo nº 1 .....	56
2.2. Nota de campo nº 2 .....	58
2.3. Nota de campo nº 3 .....	60
Anexo 3 – Guiões de Entrevista .....	62
3.1 Guião de entrevista à educadora cooperante .....	62
3.2 Guião de entrevista a uma especialista na área .....	67
3.3 Guião de entrevista a uma coordenadora técnica de uma instituição.....	72
Anexo 4 – Transcrição das Entrevistas .....	77
4.1 Transcrição da entrevista à educadora cooperante .....	77
4.2. Excertos da transcrição da entrevista a uma especialista na área em estudo ...	82

## **Lista de Abreviaturas/Siglas**

APEI – Associação de Profissionais de Educação de Infância

ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação de Infância

PCG – Plano Curricular de Grupo

PE – Projeto Educativo

RPES – Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

## **Introdução**

O presente relatório surge no âmbito da Unidade Curricular de Prática Supervisionada em Jardim de Infância, inserida no 2º ano do Mestrado em Educação Pré-Escola do ISPA. Este relatório foi realizado ao longo do ano letivo e tem como objetivo aprofundar conhecimentos dentro de uma temática significativa para mim – a espiritualidade em Educação de Infância - desenvolvendo a minha profissionalidade, nesta fase final de formação. Pretendo aprofundar conhecimentos dentro da temática escolhida relacionando-os com o contexto de estágio, de forma a refletir sobre a prática da/o educadora/or de infância, contribuindo, desta forma, para o meu crescimento pessoal e profissional.

Tendo estagiado num contexto de educação pré-escolar católico, tive a oportunidade de mobilizar os conhecimentos teóricos sobre a temática em questão no contexto da prática pedagógica, refletindo sobre ambos, interligando-os e caminhando neste meu percurso de profissionalização docente. Foi também meu objetivo articular este caminho de pesquisa com vivências e história de vida, aprofundando o sentido da minha construção enquanto educadora de infância.

Neste contexto, o meu objetivo foi não só aprofundar conhecimentos sobre o conceito de espiritualidade e sobre a sua expressão no bem-estar, desenvolvimento e aprendizagem das crianças, mas também compreender qual o papel da/o educadora/or de infância junto das crianças no seu desenvolvimento.

Nomeadamente, questioneei-me:

- De que forma pode a/o educadora/or potenciar momentos que respeitem e estimulem a espiritualidade das crianças;
- Quais os principais aspetos que deve ter em conta na sua ação, partindo das suas observações e reflexões sobre as crianças e sobre como estas desenvolvem a sua espiritualidade.

A partir deste questionamento, surgiram as perguntas de investigação que norteiam a pesquisa: o que é a espiritualidade?; como se desenvolve a espiritualidade nas crianças?; como pode o educador de infância dar espaço a cada criança para que esta desenvolva a sua espiritualidade?; que estratégias são promotoras do desenvolvimento da

espiritualidade?; Qual a importância da espiritualidade do docente para a sua prática junto das crianças?.

Este relatório desenvolve-se, assim, com a seguinte estrutura: problemática e caracterização do contexto; enquadramento teórico sobre a temática escolhida; opções metodológicas para o estudo em questão; análise reflexiva decorrente da prática supervisionada e considerações finais.

No capítulo da problemática, proponho-me a explicitar qual a temática em estudo e como surgiu o interesse sobre a mesma. Para fundamentar a escolha apresento uma narrativa pessoal, uma vez que a maior motivação para esta escolha é intrínseca. Neste mesmo capítulo, caracterizo ainda o contexto onde decorreu o estágio e faço a articulação entre este mesmo contexto e a temática em estudo.

No capítulo do enquadramento teórico, proponho-me a apresentar os conhecimentos adquiridos ao longo da realização deste trabalho, que serão alicerces para a sua realização.

No que diz respeito às opções metodológicas, eu abordo o estudo qualitativo, como a base desta investigação, aprofundando conhecimento teóricos sobre esta metodologia de investigação. Seleciono e explico também os meus instrumentos de recolha de dados, fundamentando a sua escolha e apresentando-os.

Posteriormente, no capítulo da análise reflexiva decorrente da Prática Supervisionada, faço a relação entre todos os dados e conhecimentos que adquiri ao longo deste caminho (conhecimentos teóricos, experiências práticas, recolha de evidências) alicerçando a minha reflexão sobre a temática e sobre o meu caminho de profissionalização, retomando as questões de partida.

Nas considerações finais, realizo um balanço do que foi a realização deste trabalho, destacando as minhas aprendizagens, evidenciando limitações, e deixando um novo caminho de investigação para um futuro trabalho.

## **Capítulo I - Contexto e Problemática**

Quando iniciei este caminho de construção deste relatório deparei-me, desde logo, com uma primeira decisão e, conseqüente reflexão, relacionada com o contexto e a problemática. Refleti sobre qual seria o primeiro a apresentar, uma vez que, habitualmente, a problemática surge a partir do contexto. No meu caso, não foi assim que aconteceu. Antes de conhecer o contexto, já sabia qual seria o meu caminho neste processo de construção profissional, ou seja, já tinha a problemática decidida. Logo no 1º ano da Licenciatura em Educação Básica, soube que quando chegasse o momento de realização do Relatório Final da Prática Supervisionada (RPES) ia querer debruçar-me sobre a espiritualidade, no sentido de aprofundar os meus conhecimentos sobre a temática e compreender o papel do/a educador/a de infância relativamente à mesma na prática pedagógica. Assim, a problemática surgiu antes de conhecer o contexto de estágio tendo este sido favorável ao caminho de investigação para que estava particularmente motivada, uma vez que se trata de uma escola católica que, no seu projeto educativo, se debruça sobre a espiritualidade.

Por esta razão, opto por apresentar a problemática em primeiro lugar, realizando posteriormente a caracterização do contexto.

### **1. Problemática**

A temática escolhida no âmbito deste relatório é a espiritualidade e foi eleita durante o 1º ano da Licenciatura em Educação Básica quando assisti a uma conferência de Maria João Ataíde (2016), em que abordou a espiritualidade e a sua importância na relação desenvolvida com as crianças em educação de infância. Sou católica praticante pelo que esta é uma área que me desperta interesse e que me inquieta no exercício desta profissão. No entanto, tenho poucos conhecimentos teóricos sobre a mesma e, nesta fase, pareceu-me ser uma excelente oportunidade aprofundá-los e mergulhar neste mundo da espiritualidade de forma a aprofundar a minha futura prática, refletindo sobre a informação obtida, a partir das minhas leituras, das observações efetuadas em estágio e das entrevistas a realizar sobre a espiritualidade.

Por ser uma temática que tem uma motivação tão intrínseca, fez-me sentido fazer uma narrativa pessoal onde me debruço sobre a construção da minha espiritualidade ao longo da vida, de forma a pensar sobre o meu eu espiritual antes de iniciar este caminho de aprofundamento teórico-prático, uma vez que é meu desejo, no final deste percurso,

tornar-me mais consciente para o futuro da minha prática profissional, nomeadamente, tendo em conta o desenvolvimento da espiritualidade das crianças que irei acompanhar futuramente.

Simultaneamente, como referi, o meu contexto profissional (o mesmo onde decorreu o estágio) é um contexto católico, onde a espiritualidade assume um papel de destaque, tal como se pode ver no Projeto Educativo (2019) da instituição, que foca a conceção cristã do Homem e da vida como base de sustentação de toda a ação educativa. Pareceu-me, então, que este contexto era também o indicado para seguir por este caminho.

Segundo o que escrevi na minha narrativa, que se encontra em anexo a este Relatório (Anexo 1):

Enquanto futura profissional de educação preocupa-me muito o trabalho dos educadores junto das suas crianças, a forma como podem ajudá-las a crescer com naturalidade e respeitando cada ser como único e, ao mesmo tempo, fomentar o seu pensamento crítico e a sua capacidade de ver, sentir, interpretar e pensar o mundo.

Garcia e Romero (2020), abordam a importância das narrativas autobiográficas no processo de formação docente e a importância da recuperação de memórias vividas no processo de reflexão, de forma que futuros docentes se consigam (re)formar e se projetar no futuro. A prática ativa e reflexiva na formação dos docentes é, neste momento, considerada um ponto de extrema importância e Alarcão (2005, citada por Garcia & Romero, 2020) destaca três pontos que justificam a presença desta prática reflexiva:

- a) Os professores como seres holísticos, formados por saberes múltiplos (científicos, culturais, religiosos, profissionais, experienciais, entre outros);
- b) A importância das interações entre as pessoas, nomeadamente entre professores e alunos, que justificam que todos os saberes são sociais;
- c) Professores como construtores de saberes nas suas práticas e projetos pedagógicos.

Neste seguimento, a presença de narrativas autobiográficas no processo de formação docente surge como uma mais-valia em que o ato de escrever sobre si, com enfoque no percurso educativo, “permite não somente maior conhecimento e reflexão sobre a prática pedagógica, mas também como um espaço de resignificação, compreensão e redirecionamento, favorecendo a formação docente.” (Garcia & Romero, 2020, p.322).

Como ficará explícito no capítulo do enquadramento teórico, o conceito de espiritualidade não é objetivo nem unânime. Varia de acordo com quem o procura definir e não há consenso mas complementaridades que vão surgindo ao longo das leituras sobre o mesmo - a comunidade científica percebe a sua importância no desenvolvimento humano. Como sublinha Nye (2019), “A espiritualidade não é algo que aprecie ser confinado a palavras - o que faz com que a escrita (e a leitura) sobre ela seja terrivelmente difícil! É mais “sentida”, recorrendo a percepções não-verbais como a visão, som, toque, etc.” (Nye, 2019, p.18). Por sua vez, Ataíde (2007), aborda o Homem como um ser espiritual, quer pertença ou não a uma religião, e afirma que esta dimensão está presente quer pela forma como se dirige a alguém que está mais além do que todas as coisas, na sua busca incessante do sentido fundamental da existência, nas expressões simbólicas como a arte, a religião e a linguagem. Ataíde (2007) aborda a criança como sendo constituída por muitas dimensões, incluindo uma vida espiritual que se expande, se modifica, reagindo constantemente às outras dimensões que, no seu conjunto, constituem o indivíduo a que chamamos pelo seu nome e que conhecemos por uma história que é sua e só sua.

Começam, também, a surgir mais estudos relacionados com a espiritualidade na infância (Lee, 2021; Nye 2019; Robinson, 2020). Desta forma é, assim, um tema atual, em desenvolvimento e que considero muito oportuno para o meu crescimento e para a minha formação enquanto futura educadora de infância.

Os meus objetivos são, desde modo, compreender e aprofundar conhecimentos sobre a temática, nomeadamente no que diz respeito à infância, e identificar qual a atuação do educador de infância de forma a ser promotor da espiritualidade junto das suas crianças.

Assim, as questões de partida que defino para o meu Relatório de Prática de Ensino Supervisionada (RPES) são as seguintes:

- O que é a espiritualidade?
- Como se desenvolve a espiritualidade nas crianças?
- Como pode o educador de infância dar espaço a cada criança para que esta desenvolva a sua espiritualidade?
- Que estratégias são promotoras do desenvolvimento da espiritualidade?
- Qual a importância da espiritualidade do docente para a sua prática junto das crianças?

## 2. Caraterização do Contexto

### 2.1. Caraterização da Instituição

A instituição localiza-se num bairro histórico em Lisboa.

É uma escola católica que “fundamenta a sua atividade educacional na pessoa de Jesus Cristo e na Sua mensagem” (Projeto Educativo, 2019/2022).

Inspira-se na conceção cristã do Homem e da vida e tem como principal finalidade o crescimento harmonioso da criança, tendo por base três dimensões da pessoa: a dimensão pessoal, a social e a religiosa. No seu modo de atuação, considera a família como uma célula fundamental da sociedade, promovendo uma parceria Pais-Escola. Está simultaneamente, em contacto e parceria com a comunidade envolvente.

Segundo o Projeto Educativo (PE) (2019) a instituição tem uma missão, uma visão e valores que sustentam a sua atuação:

**Missão:** proporcionar uma educação integral, praticando um Ensino de qualidade, sério e exigente, que potencie o pleno desenvolvimento de todas as capacidades e talentos da criança, promovendo uma personalidade rica e forte.

**Visão:** manter a força da história e feitos da Instituição, bem como a tradição católica. Desenvolver objetivos e ações que promovam um Ensino mais moderno e inovador e, simultaneamente, potenciem os resultados escolares de todos os alunos.

**Valores:** é uma instituição católica que fundamenta a sua atividade educacional na pessoa de Jesus Cristo e na Sua mensagem. Considera valores eternos e mutáveis a Verdade, a Justiça e a Paz. O seu grande objetivo é encaminhar a criança para uma Autonomia Responsável, pois a criança autónoma respeita a autonomia do outro e está preparada para o amor, o diálogo, a compreensão e a tolerância.

A instituição insere-se na freguesia de Alcântara e recebe crianças da freguesia, mas também de outros bairros da cidade e arredores. É uma freguesia habitada por muitos casais jovens, que está em expansão, albergando mais de 6500 famílias (dados dos Censos de 2011) e que oferece uma oferta escolar diminuta para esta população.

Insere-se numa zona rica em serviços de saúde e socioeducativos e tem uma boa rede de transportes que a serve. A instituição tem parceria com a Junta de Freguesia, com o Instituto de Agronomia e com as Piscinas do Alvito.

A oferta educativa da instituição tem as seguintes valências: creche (com berçário incluído), pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico. O jardim-de-infância tem as seguintes salas:

- Duas salas de 3 anos;
- Duas salas de 4 anos;
- Duas salas de 5 anos.

A instituição funciona em dois edifícios distintos, sendo que o primeiro e mais antigo acolhe todas as crianças desde o berçário até ao 3º ano do 1ºCEB e o novo edifício as restantes crianças.

No edifício mais antigo, encontram-se os serviços administrativos e a capela, sendo esta um lugar frequentado por todas as crianças da instituição. Este edifício tem quatro pisos por onde estão distribuídas as crianças das diferentes idades:

- No rés do chão encontra-se a portaria, a secretaria e a capela, bem como um bar que dá acesso ao espaço exterior da escola. A creche localiza-se neste andar com o berçário, uma sala de aquisição de marcha e uma sala de 1 ano e duas casas de banho. Todas estas salas dão acesso ao exterior;
- No primeiro piso, encontram-se duas salas de creche (2 anos), quatro salas de pré-escolar (duas de 3 anos e duas de 4 anos), o gabinete da direção, uma sala para as educadoras, a sala de música, duas casas de banho de crianças e uma casa de banho de adultos;
- No segundo andar, encontram-se duas salas de 5 anos, uma sala do primeiro ano, uma sala de apoio/educação especial e uma sala de expressão plástica para o pré-escolar;
- No terceiro andar encontra-se uma sala do 2º ano, duas salas do 3º ano, uma sala de expressão plástica do 1º ciclo, uma sala para as professoras;
- No quarto andar, localizam-se duas casas de banho e um terraço.
- O espaço exterior está dividido para as diferentes faixas etárias, sendo que existe um ginásio no primeiro piso destinado a todas as valências da escola. Existe ainda um primeiro espaço de recreio no rés-do-chão destinado à creche, e, no período da tarde também ao pré-escolar, bem como um piso de baixo destinado ao pré-escolar e ao 1º ciclo. Existe, ainda, no andar de baixo, um campo de jogos;

- No piso inferior ao rés-do-chão, localiza-se o refeitório, (todas as crianças dos 2 anos até ao 3º ano almoçam aqui) a cozinha e uma casa de banho de adultos.

O outro edifício é um prédio novo onde estão os alunos do 4º ano e os alunos do 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico. Existe também uma sala de computadores, uma sala de música, uma sala de expressão plástica e laboratórios. O recreio deste edifício liga-se no exterior ao recreio do outro edifício.

Fora do tempo letivo, a instituição dá resposta com atividades extracurriculares que as crianças podem frequentar com regime de inscrição e pagamento extra, e dá apoio até às 19h, com supervisão de pessoal não docente, de forma gratuita.

## **2.2. Caraterização do Grupo**

O meu estágio foi realizado na valência de Educação pré-escolar, numa sala de jardim de infância com crianças de 3 anos de idade e com uma educadora cooperante que trabalha na instituição há 20 anos.

O grupo de crianças já se conhece, uma vez que alguns vêm juntos desde berçário e outros desde a sala de 1/2 anos. Muito embora a educadora seja uma nova referência este ano, a auxiliar não mudou e, segundo informações fornecidas pela educadora e registos do Plano Curricular do Grupo (PCG), as crianças tiveram uma adaptação tranquila às novas rotinas e à nova educadora.

Todas as crianças completaram os 3 anos até dezembro de 2020.

Segundo o PCG, e através das observações que realizei em período de estágio, são um grupo alegre e bem-disposto, muito curioso e que adora os momentos em reunião à volta do tapete, nomeadamente as conversas de grande grupo, os momentos de histórias, bem como a partilha e descoberta de novidades - são curiosos e participativos. Pude observar, ao longo do estágio, as dinâmicas dentro de sala e o espaço e tempo que as crianças têm para se exprimirem, nomeadamente ao nível do questionamento, uma vez que se trata de um grupo de crianças muito curiosas, como já referi. De acordo com registos no Diário de Bordo (1º fase do estágio) as crianças manifestam gosto pelos momentos de reunião em grande grupo, no tapete, onde existe um espaço de conversa aberta, em que as crianças podem contar acontecimentos significativos, podem questionar e partilhar aquilo que quiserem. Estes momentos originam conversas, múltiplos caminhos a seguir a partir das

mesmas – onde se destacam possíveis projetos - e, simultaneamente, são promotores de partilha e reflexão conjunta onde todos podem intervir e todos pensam sobre o que se está a passar e sobre o que se está a falar.

O grupo demonstra interesse e gosto pelas atividades propostas pela educadora, nomeadamente as pinturas, os desenhos e as colagens. Observei que na maior parte das vezes, preferem as atividades orientadas pela educadora em vez de se distribuírem pelas diferentes áreas da sala em brincadeira livre, como registado em Diário de Bordo (1ª fase do estágio), “A educadora perguntou quem queria começar com a atividade (de expressão plástica) e todos pediram para ir primeiro (...) quando a criança começou a atividade, as restantes não quiseram ir brincar livremente nas áreas da sala, mas sim observar, questionar e aguardar a sua vez.”

Manifestam também, interesse pelas sessões de música, inglês e expressão físico-motora.

As crianças são muito autónomas, todas já vão sozinhas à casa de banho, conhecem a rotina e já a antecipam. Calçam-se e descalçam-se sozinhos para a sesta, e para a ginástica. Existe entreajuda entre as crianças como por exemplo, no momento de vestir e despir os bibes, ou no momento de arrumar a sala, onde todos participam ativamente.

Os momentos de refeições decorrem com tranquilidade e são momentos de prazer para todos exceto para a M. que não gosta de mastigar e só quer comer sopa e fruta passada. A educadora tem estado a desenvolver diversas estratégias para ajudar a M. a superar esta dificuldade, nomeadamente não insistir e dar-lhe o seu tempo, incentivando-a e incentivando o grupo a dar-lhe o exemplo e a motivação.

Muito embora exista uma planificação realizada pela educadora para o trabalho que desenvolve com as crianças, pude observar que é uma planificação muito flexível e que dá resposta às necessidades do grupo: uma vez que se o grupo manifesta interesse e curiosidade, a educadora dá resposta a esse interesse e altera a sua planificação, como se observa no exemplo em que o grupo manifestou interesse em aprofundar conhecimentos sobre os crocodilos, quando estava planeado debruçarem-se sobre os animais da quinta, (registado no Diário de Bordo, 2ª/3ª fase do estágio).

O grupo é constituído por 5 raparigas e 7 rapazes.

### **2.3. Caracterização da Sala**

A sala localiza-se no primeiro andar, tem cerca de 15m<sup>2</sup>, com uma porta e 5 janelas. Fisicamente, é a sala mais distante das restantes salas e que fica próxima das casas de banho das crianças, o que lhes permite utilizá-las de forma autónoma.

A sala está organizada em áreas onde as crianças podem brincar livremente:

- Área da casinha (com uma mesa, duas cadeiras, um fogão, um armário com a respetiva loiça, alimentos de plástico, dois telefones, uma mala de enfermeira e uma mala de fotógrafo);
- Área da garagem (com uma garagem, pista e vários carros);
- Área dos jogos (com uma mesa perto do armário dos jogos onde se encontram puzzles, materiais de enfiamentos, plasticina, legos e jogos de encaixe);
- Área do tapete (onde todos os dias cantam o bom-dia e rezam, onde está a imagem de Nossa Senhora e de Jesus, os quadros de presença, dos chefes/responsáveis por várias tarefas e do tempo, bem como o placard dos aniversários);
- Área da expressão plástica (com uma mesa onde as crianças têm oportunidade de realizar diferentes trabalhos de expressão plástica; no armário estão os materiais necessários, todos ao alcance das crianças).

Relativamente ao espaço exterior, as crianças nos recreios da manhã frequentam o espaço exterior do andar de baixo onde existe um escorrega, uma casinha e um pátio com árvores e canteiros. Têm espaço para correr e fazer diversas brincadeiras espontâneas ou organizadas. No recreio da tarde, ficam no andar de cima onde têm um comboio de madeira e algum espaço para as suas brincadeiras.

Outros locais frequentados pelo grupo de crianças fora da sala são a sala de música, o ginásio, o refeitório e a capela.

As crianças frequentam a capela regularmente com a educadora, para conversarem com Jesus, para cantarem ou para rezarem.

## **2.4. Organização do tempo educativo**

As crianças têm uma rotina diária, o seu dia tipo, onde têm tempo de sala com a educadora e com os professores (música, inglês e ginástica), tempo de recreio, refeições, higiene e sesta.

Como referi, as crianças conhecem bem a rotina e já a antecipam. São autónomas no seu quotidiano, e uma vez que partilham o tempo da auxiliar com outra sala, estão habituadas a não ter tanta ajuda e supervisão como se tivessem dois adultos em permanência constante, como acontece nas idas à casa de banho ou no momento em que se deitam para a sesta.

Estas rotinas alteram-se quando as crianças têm outras atividades com outros professores, consoante um horário estabelecido, sendo que têm inglês três vezes por semana, educação musical e educação física duas vezes por semana. As aulas de música são na sala de música e as aulas de ginástica são ou no ginásio ou no campo de jogos. À sexta-feira de manhã o momento de reunião no tapete é realizado pela professora de inglês.

Nos restantes dias, começam sempre o dia no tapete, a cantar a música do bom dia e a rezar. Depois, marcam as presenças e marcam o quadro do tempo e dos chefes e há sempre uma conversa sobre o dia e sobre o que vão fazer. As atividades tanto podem ser em grande grupo, como em pequenos grupos ou individuais e enquanto decorrem as crianças podem brincar livremente nas diversas áreas da sala.

O início dos dias é sempre um momento muito importante, onde as crianças estão em grande grupo e se conectam com a rotina e com o dia que está a iniciar. Todos participam com alegria e todos sabem qual a sua sequência - rezam com gosto, fazem as mímicas e com um sorriso no rosto. Sente-se a alegria e entusiasmo por este momento que mostra o sentimento de grupo e de pertença que há nas crianças relativamente ao grupo (Ver nota de campo em Anexo 2.1).

## Capítulo II - Enquadramento Teórico

### 1. Definição do Conceito de espiritualidade

Ataíde (2007) refere-se à espiritualidade como algo facilmente confundido com uma opção ou vivência religiosa de alguém ou como a consciência ou a conduta moral de uma pessoa e, defende a ideia de que o desenvolvimento espiritual não pode ser confundido com a iniciação religiosa nem com a educação moral, uma vez que esta resulta do cruzamento de duas forças intensas:

- O que nos move de dentro; a força do nosso íntimo que anseia comunicar-se e superar-se;
- O que nos interpela de fora, vindo ao encontro dessa solidão íntima de alguém que se revela a si mesmo, no encontro com o Outro.

Assim, a mesma autora, citando Boden (1994) e Winnicott (1971), refere-se ao conceito de espiritualidade como uma área, ou espaço presente, do viver humano que se situa no cruzamento da experiência interior do indivíduo com o mundo exterior, sendo, portanto, um espaço transacional que permite a construção de uma identidade própria em que se relaciona com o mundo e em que o interpreta, dando-lhe significado. Farrer (2000) aborda o conceito da espiritualidade como sendo uma aspiração/desejo da transcendência, algo que está dentro de nós e que podemos procurar em casas de religião ou em muitos outros locais, como na arte, em imagens, na música ou até, de forma distorcida, no mundo material das drogas e do sexo. Diz, ainda, que muito embora a espiritualidade esteja dentro de nós, tem que ser desenvolvida, uma vez que, apesar de natural, necessita de construção ao longo da vida do ser humano.

Nye (2019), apresenta na sua obra diferentes definições de espiritualidade consoante as perspetivas de quem a define sendo que Dixon (s/d, citado por Nye, 2019), define a espiritualidade como sendo algo que varia desde o sentir a presença divina até ao reconhecimento de uma qualidade elevada num acontecimento, num encontro. Erricker (s/d, citado por Nye, 2019), define espiritualidade como a atividade de atribuir significado que, tanto as crianças como os adultos, necessariamente, realizam como resultado das experiências da vida que têm. Segundo a mesma autora, baseando-se em Donaldson (s/d, citado por Nye, 2019), a espiritualidade é uma consciência, uma resposta ou uma

capacidade de refletir sobre áreas que estão para além do interesse do indivíduo ou do ego, algo que não está relacionado com a própria sobrevivência ou riqueza do indivíduo.

Catré, Ferreira, Pessoa, Catré e Catré (2016) abordam diferentes definições de espiritualidade de diferentes autores, como é o caso de Rovers e Kocum que concebem a espiritualidade como “uma força motriz que dá sentido, estabilidade e propósito à vida através do parentesco com as dimensões que transcendem a pessoa” (2010, Catré et al., 2016, p.17).

Os mesmos autores também abordam um modelo holístico de espiritualidade que é defendido por Renetzky (1970, citado por Catré et al., 1979) que apresenta três grandes componentes: a necessidade de encontrar sentido, razão e preenchimento na vida, a esperança/vontade de viver e a fé em sim mesmo, nos outros ou em Deus.

Esta tem sido uma temática mais estudada e aprofundada nos últimos anos e Robinson (2020) aborda a espiritualidade não como um conceito, mas como algo mais dinâmico que abrange determinadas características e expressão. Este autor fala em características da espiritualidade que são defendidas pela literatura, como o desenvolvimento de um senso de identidade, uma busca de significado e propósito, um senso de racionalidade com os outros e com o mundo, um senso de maravilha e felicidade e, por fim, a moralidade e as crenças individuais de cada pessoa. Segundo Robinson (2020), a literatura contemporânea defende a ideia que ser espiritual não está necessariamente ligado a ser religioso, mas ser religioso está ligado à espiritualidade de cada um.

### **1.1 Evolução do conceito de espiritualidade**

Segundo Catré et al. (2016), existem três marcos históricos na evolução do conceito de espiritualidade:

1º marco histórico: no período pré-histórico quando o ser humano adotou a postura vertical passando a relacionar-se com o mundo de forma diferente, em que o corpo passou a ser o centro do espaço e sua organização; este foi o ponto de partida para o homem se começar a questionar e a partir à descoberta do que o rodeava, fabricando objetos e ferramentas e tornando o mundo num mundo humano;

2º marco histórico: surgiu com o nascimento de uma matriz civilizacional, aparecendo grandes pensadores em diversos pontos do mundo como é o caso do Lao-Tse e de

Confúcio na China, Zaratustra no Irão, vários filósofos na Grécia (Sócrates em destaque), Buda na Índia e, mais tarde Jesus Cristo, e os seus profetas, na Palestina. Surgem, assim, dois paradigmas, o da Transcendência como razão presente no pensamento filósofo que é associado à contemplação, vista como a forma mais elevada do conhecimento; e o da Revelação ou Fé, que se encontra na palavra bíblica;

3º marco histórico ou a atualidade: aborda diferentes formas de espiritualidade que podem ou não estar relacionadas com a religião. Forcades (2005, citado por Catré et al., 2016) apresenta três tipos de espiritualidade na contemporaneidade: espiritualidade terapêutica (relacionada com o sujeito e as suas vivências, angústias, medos, ambiguidades), a espiritualidade feminista (está relacionada com estereótipos e linhas de combate aos mesmos, como a diferença entre o masculino e o feminino) e a monástica (é oriunda da religião e pressupõe a vivência comunitária em oração).

## **1.2 A espiritualidade nas crianças**

Nye (2019) afirma que, na infância, a espiritualidade se trata especialmente na “relação com outro”, ou seja, é quase como um chamamento para a criança se relacionar com mais do que consigo mesma. É neste encontro que a espiritualidade das crianças se desenvolve, através de experiências ou momentos específicos como podem ser exemplo as atividades imaginativas ou reflexivas (pensamentos das crianças e seus significados). A mesma autora afirma que a espiritualidade da criança é “uma criança”, explicando-a através dos seguintes pontos (Nye, 2019, p.23):

- Geralmente, não está claramente conforme com as normas aceites ou com o uso de expressões convencionais;
- À primeira vista poderá parecer uma balbúciação em vez de ser linguagem de um “cristão” fluente. Requer, da parte do leitor um esforço (ouvindo) para reconhecer o que está a ser expresso, e desenvolver (e não impor) uma linguagem partilhada;
- Ultrapassa a compartimentação (irá utilizar tudo e não só o material religioso);
- Pode ser intensa num momento e indiferente noutro. O desenvolvimento raramente é uma linha reta ou está sob o nosso controlo;
- Muitas vezes é importante para as crianças, mas estas julgam que não é importante para mais ninguém, e que não faz parte dos valores tradicionais;

- É vulnerável, e pode mesmo morrer se for negligenciada, ignorada ou incompreendida.

Desta forma, a autora reforça que é fundamental a existência de uma rede, junto das crianças, suficientemente abrangente que contenha as suas experiências espirituais, as suas imaginações, pontos de vista, questões, brincadeiras e ideias como prova indicativa da sua própria espiritualidade.

Segundo Nye (2019), quando pensamos na espiritualidade nas crianças e a comparamos com a dos adultos, percebemos que as crianças estão em vantagem, uma vez que são mais naturais e mais simples que os adultos, sublinhando que uma grande parte da experiência da infância tem o potencial de ser espiritualmente estimulante. Desta forma, é importante ter uma noção daquilo que envolve a infância, para se compreender a temática em questão, e Nye (2019) sintetiza vários pontos sobre a mesma que, no contexto do presente RPES, destacamos:

- As crianças têm uma forma mais holística de ver o que as rodeia; não analisam tanto e, por isso, a sua perceção tem uma qualidade mais mística;
- As crianças são especialmente atentas e curiosas e, como tal, têm uma capacidade natural de admiração;
- As crianças estão a descobrir coisas novas todos os dias; não precisam de se esforçar para aprender;
- A vida emocional das crianças é, pelo menos, tão forte quanto a vida cognitiva, e elas não escondem os seus sentimentos; portanto, sabem tudo sobre o que é render-se às forças que transcendem o seu controlo;
- As crianças não têm conhecimentos sobre muitas coisas. Em cada fase pode haver palavras que elas não entendem e muitas das ações das pessoas à sua volta podem ser intrigantes;
- A espiritualidade é um traço comum e natural da vida da maior parte ou, provavelmente, de todas as crianças (Nye, 2019).

Neste seguimento, Watson (2006) aborda o tema da espiritualidade como fundamental para dar à criança voz e defende que foi a necessidade de ouvir as crianças que permitiu a abertura da discussão sobre o desenvolvimento espiritual das mesmas, nomeadamente no que diz respeito à educação. Lee (2021) aborda a ideia de que o desenvolvimento espiritual está diretamente relacionado com a criação de significado, significado esse que

é moldado pela cultura e pelas tradições. Refere que a formação espiritual e o desenvolvimento espiritual das crianças dependem do desenvolvimento da sua identidade e tem inúmeras formas de expressão.

Robinson (2020), afirma que as pessoas experimentam e expressam a espiritualidade de várias maneiras diferentes (algumas pessoas sentem conexão espiritual a ouvir música, outros a ler textos sagrados e há quem sinta a presença de algo maior enquanto medita no silêncio, ou quando ajudam os outros e são solidários, ou quando vão à igreja e vivem uma crença) e, nas crianças a sua “voz espiritual” está diretamente ligada à forma como se expressam, à sua imaginação, criatividade e admiração.

### **1.3 A espiritualidade na profissão docente**

Watson (2006) afirma que um dos maiores desafios da promoção da espiritualidade nas escolas é, por um lado, que os adultos sejam capazes de ouvir as crianças e, por outro, que sejam, simultaneamente capazes de ser responsivos, sabendo escutar as crianças e dar-lhes voz em todo o processo educativo. Muito embora o desenvolvimento espiritual das crianças não esteja contemplado na Convenção da Declaração dos Direitos das Crianças, ele é componente integral do desenvolvimento das crianças e deve ser contemplado na educação das mesmas. Watson (2006) aborda a pedagogia da espiritualidade como uma forma de saber estar com as crianças em todo o processo educativo, dando-lhes voz ativa, sabendo escutá-las e tornando-as sujeitos ativos de todo o processo. Assim, serão desenvolvidos o seu pensamento crítico e a sua capacidade de transcendência, o saber ser e saber pensar, refletir sobre si própria e sobre o mundo.

Robinson (2020) apresenta um estudo feito sobre formas de cultivar a espiritualidade na infância em contextos de educação e relata que as práticas para promover a espiritualidade incluem momentos de silêncio, momentos de atribuição de significado às vivências, o questionamento, a consciência corporal, a focalização, a reflexão e o uso da imaginação. Afirma que para as crianças a admiração pelo mundo e pelas suas vivências é fundamental para o desenvolvimento da compreensão do mundo e do seu próprio senso de identidade espiritual. O mesmo estudo apurou que as crianças pequenas se envolvem e expressam a espiritualidade por meio da admiração e da imaginação e que a espiritualidade é multidimensional abrangendo, assim, momentos de reflexão, compaixão, transcendência

e construção de significado - é o potencial destas experiências que desenvolve a promoção e a expressão da espiritualidade.

Nye (2019), define um acróstico que estabelece seis critérios para se utilizar no trabalho diário com as crianças, visando a estimulação da sua espiritualidade. O acróstico é:

**S**pace

**P**rocess

**I**magination

**S.P.I.R.I.T.**

**R**elationship

**I**ntimacy

**T**rust

Resumindo estes seis critérios, a autora refere-se a espaço (space) como o espaço físico onde as crianças se sentem bem e seguras. Este espaço deve ter atenção à forma como está organizado e a criança deve ter voz ativa nesse mesmo espaço - deve ser um sujeito ativo e transformador do espaço, para que o sinta dela também. O espaço físico é importante, mas o espaço emocional também, onde a criança tem espaço para se exprimir e para estar sozinha, caso seja essa a sua vontade ou a sua necessidade. Deverá, também, existir um espaço de escuta onde a criança sente que é escutada sempre que necessita.

A seguinte etapa (process) esta relacionada, tal como o nome indica, com o processo. A autora defende a ideia de que a espiritualidade está mais relacionada com o processo do que com o produto, ou seja, são as vivências e as experiências das crianças que as estimulam espiritualmente e não o resultado delas. Um exemplo dado pela autora é o de dar atenção a todo o processo de criação de trabalhos manuais ou atividades artísticas e não ao que resulta deles, porque é durante o processo que temos oportunidade de ouvir as crianças, de as compreender e de as estimular no seu pensamento e em todo o processo de criação.

A imaginação (imagination) é um critério que está diretamente relacionado com a capacidade de o adulto estar aberto à criança e de a levar mais longe. As crianças são especialistas em imaginar coisas de uma forma completamente diferente do que os adultos consideram o convencional.

A relação (relationship) aborda a forma como o adulto se relaciona com a criança que deve ser uma relação aberta, de partilha e respeito. A criança deve sentir que existe, sempre, espaço para ela, mesmo quando estão em grande grupo e há regras a cumprir, como esperar a sua vez de falar. É importante que a criança não se sinta “abafada” pelo grupo e tenha sempre o seu espaço, para isso é fundamental que exista com o adulto uma relação sólida, de confiança e respeito onde a criança sinta que o seu contributo é valorizado e que é um contributo válido e valioso para todos.

A intimidade (intimacy) está diretamente relacionado com o facto de a criança “se sentir segura”, esse é o aspeto central deste critério. A criança sente que não há problema em se aproximar do adulto, que não há ideias ou intervenções consideradas pouco convencionais. A autora afirma que criar uma sensação de tempo e de espaço íntimos e seguros é um projeto a longo prazo para cada grupo e para cada criança e exemplifica quando refere não ser aceitável o adulto apropriar-se de algo que a criança disse em pequeno grupo e partilhá-lo com o grande grupo, expondo, assim a mesma sem o seu consentimento.

A confiança (trust) está diretamente relacionada com o tipo de relação que temos com a criança que a faz sentir segura e confiante em si mesma, naquilo que sente, vê e que pensa de forma que seja livre para se expressar, sentindo-se valorizada. É importante que esta confiança passe não só para a criança, mas também para todo o grupo. A autora exemplifica, quando uma criança manifesta que tem uma avó muito doente, que vai morrer. O adulto tem que ter, também a confiança no grupo e deixar que outras crianças intervenham e ajudem e a que, em grupo, possam vivenciar este momento difícil para determinada criança e ajudá-la. Se o adulto for capaz de adotar esta postura vai transmitir ao grupo de criança um sentimento poderoso de confiança inabalável.

Nesta perspetiva, também Robinson (2020) enfatiza que o trabalho dos profissionais de educação junto das crianças deve oferecer oportunidade para que estas vivenciem e expressem a sua espiritualidade, devendo ouvir a riqueza e a profundidade que as experiências na infância têm a oferecer. O mesmo autor defende que a infância é um período crítico para o desenvolvimento holístico de todas as capacidades, incluindo as espirituais; o seu despertar e desenvolvimento é de grande importância.

### **1.3.1 Documentos fundamentais em Educação de Infância e sua potencial relação com a espiritualidade na docência**

Em educação de infância, existem documentos que alicerçam a prática e que funcionam como guia orientador para os profissionais. Ao longo do meu percurso académico, tenho tido múltiplos contactos com estes documentos que me têm ajudado a construir a minha profissionalidade. Neste ponto do enquadramento teórico considero importante revê-los e destacar no âmbito alguns dos seus pontos que, embora não estejam relacionados diretamente com a temática da espiritualidade, interligam-se em diversos aspetos e complementam-se com os pontos anteriormente referidos.

O documento das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016) (OCEPE) define quatro fundamentos e princípios orientadores para a educação de infância:

- Desenvolvimento e aprendizagens como vertentes indissociáveis;
- Criança como sujeito do processo educativo;
- Resposta a todas as crianças;
- Construção articulada do saber.

Estes quatro fundamentos e princípios são os alicerces de toda a prática pedagógica no jardim de infância e estão presentes em todas as situações que se vivem com as crianças nos contextos práticos. São quase como valores fundamentais que os profissionais devem ter na sua prática e na sua relação com as crianças. Sublinho alguns pontos relacionados com as crianças que estão dentro destes fundamentos mencionados (Lopes da Silva et al., 2016, p.12):

- Cada criança tem uma identidade única e singular, tendo necessidades, interesses e capacidades próprias;
- Cada criança vive num meio cultural e familiar que deve ser reconhecido e valorizado;
- A criança é detentora de uma curiosidade natural para compreender e dar sentido ao mundo que a rodeia, sendo competente nas relações e interações que estabelece;
- Cada criança tem direito a ser escutada e as suas opiniões devem ser tidas em conta;

- Todas as crianças têm direito a uma educação de qualidade em que as suas necessidades, interesses e capacidades são atendidos e valorizados;
- Todas as crianças participam na vida do grupo;
- O desenvolvimento e a aprendizagem da criança processam-se de forma holística;
- Brincar é um meio privilegiado de aprendizagem que leva ao desenvolvimento de competências transversais a todas as áreas do desenvolvimento e aprendizagem.

O documento das OCEPE (2016) está dividido em diferentes âmbitos de saber que incluem diferentes tipos de aprendizagem que não apenas conhecimentos, mas também atitudes, disposições e saberes-fazer. Todos estão interligados entre si e se completam e complementam, sendo denominados como áreas de conteúdo. Aquela que está diretamente relacionada com a temática deste trabalho é a Área da Formação Pessoal e Social, considerada uma área transversal porque, ainda que tenha os seus conteúdos e objetivos, está sempre presente na prática de educação de infância. Como as autoras afirmam:

A área de Formação Pessoal e Social assenta, tal como as outras, no reconhecimento da criança como sujeito e agente ativo do processo educativo, cuja identidade única se constrói em interação social, influenciando e sendo influenciada pelo meio que a rodeia (Lopes da Silva et al., 2016, p.33).

Um dos aspetos que se relaciona com a temática da espiritualidade é a educação para os valores que defende a ideia de que é na inter-relação que a criança vai aprendendo a atribuir valor aos seus comportamentos e atitudes, bem como aos das outras crianças integrando, assim, a diferença entre si e o outro e o respeito por si e pelo outro. Destaco as aprendizagens a promover definidas nesta área de conteúdo:

- Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural;
- Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural.

Para promover estas aprendizagens o/a educador/a deve (Lopes da Silva et al., 2016):

- Valorizar e respeitar cada criança, manifestando essa atitude de modo que constitua um modelo de relação entre crianças;
- Estar atento a cada criança e ao que esta pretende transmitir, verbal e não verbalmente;

- Identificar e valorizar o comportamento positivo da criança;
- Apoiar a criança a expressar opiniões sobre o que vê, ouve ou sente;
- Respeitar a diferença e tirar proveito da diversidade como meio de enriquecimento do ambiente educativo e do processo de aprendizagem;
- Manifestar respeito pelas culturas familiares de cada criança;
- Promover o sentido de pertença da criança a uma comunidade, facilitando as interações com pessoas e recursos e com o contexto próximo;
- Alargar as referências culturais das crianças através do contato com diferentes recursos e formas de cultura.

Também a Carta de Ética da Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI) (2011) é um documento orientador em educação de infância. Esta tem como objetivo definir uma carta de princípios que se assumem como uma referência deontológica à prática dos docentes em educação de infância. Mais uma vez, e relacionando com a temática da espiritualidade, destaco alguns pontos importantes que são abordados neste documento. Assim, são definidos princípios que alicerçam a procura ética dos/as profissionais de educação, mais especificamente no seu compromisso com as crianças:

- Respeitar toda a criança, independentemente da religião, género, etnia, cultura, estrato social ou necessidades educativas especiais, incluindo-a e promovendo os seus direitos consignados na Convenção Internacional;
- Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto;
- Responder com qualidade às necessidades, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance;
- Considerar com o maior cuidado os diagnósticos e prognósticos da situação e futuro de cada criança, sabendo que fazem parte da interação que se estabelece;
- Cuidar na relação educativa a gestão da “aproximação” e da “distância”, do respeito pela individualidade de cada criança utilizando o seu poder no sentido da autonomia de cada uma;
- Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade;
- Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional;

- Conhecer as leis de proteção às crianças e estar atento(a) a casos de abuso físico ou psicológico, alertando os agentes competentes, quando necessário.

Estes documentos orientadores à prática pedagógica são ferramentas fundamentais a que o educador/a pode e deve recorrer. Relacionando o conteúdo selecionado com o enquadramento teórico, consigo perceber que, muito embora nenhum dos documentos orientadores se debruce explicitamente sobre a temática da espiritualidade, esta está subjacente em todos os princípios e fundamentos que estão mencionados. O facto de se olhar a criança como sujeito ativo da sua aprendizagem, como sujeito único, com uma bagagem prévia e com conhecimentos prévios é fundamental para que um educador/a consiga promover uma prática que estimule a espiritualidade de cada criança.

Desta forma, considero que os documentos de orientação à prática pedagógica são fundamentais e são promotores de uma prática alicerçada à estimulação e ao desenvolvimento espiritual de cada criança no Jardim de Infância.

### **Capítulo III - Opções Metodológicas**

O presente trabalho baseia-se numa investigação qualitativa em educação, uma vez que é um estudo feito no contexto natural das crianças e que se fundamenta naquilo que são as suas vivências. Segundo Bogdan e Biklen (1994), neste tipo de investigação os dados recolhidos são ricos em pormenores descritivos e relacionam-se diretamente com as pessoas e os locais de determinado contexto. Não é possível quantificar variáveis, mas sim formular questões de investigação que estão inseridas naquele contexto. Por esta razão, a problemática relaciona-se diretamente com o contexto em questão.

Os mesmos autores, afirmam que as estratégias mais representativas neste tipo de investigação são a observação participante e a entrevista, precisamente as duas estratégias selecionadas para este meu estudo.

Bogdan e Biklen (1994, p. 47), caracterizam a investigação qualitativa como detentora de cinco características fundamentais:

1. Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, construindo o investigador o instrumento principal;
2. A investigação qualitativa é descritiva;
3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos;
4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma intuitiva;
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

Assim sendo e, segundo os mesmos autores, os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que promovem um conhecimento aprofundado dos contextos do ponto de vista dos observados, estabelecendo-se quase um diálogo entre os investigadores e os respetivos sujeitos, numa perspetiva reflexiva de todo o processo.

No momento inicial deste meu caminho pelo mundo da espiritualidade fez-me sentido fazer uma narrativa autobiográfica que abordasse a presença da espiritualidade ao longo da minha vida, como forma de me fazer pensar sobre mim e de me encontrar neste caminho, para então mergulhar neste processo de construção profissional. (Ver anexo 1). Denzin e Lincoln (2006) abordam a importância de a pesquisa qualitativa envolver a recolha de uma variedade de materiais empíricos, como é o caso das experiências

peçoais, a introspeção, as histórias de vida, as entrevistas, etc. Estes materiais descrevem momentos e significados da vida das pessoas que podem enriquecer o processo de reflexão e dar-lhe outro significado. Estudos recentes têm mostrado a importância das narrativas autobiográficas no processo de formação docente, como ferramentas fundamentais à reflexão que cada pessoa faz sobre si e sobre a sua prática (Garcia & Romero, 2020). Assim, a narrativa autobiográfica surge como um documento que ajuda a contextualizar a temática na minha vida e que me permite um caminho de mais reflexão e significado neste caminho de formação.

Neste contexto, com o início do estágio compreendi que seria benéfica a realização de entrevistas como método de recolha de dados que me pudessem ajudar a compreender a forma como a espiritualidade é perspectivada pelos profissionais e é praticada em contextos de educação de infância.

Desta forma, neste estudo, pretendi efetuar três entrevistas: uma à educadora cooperante com o objetivo de compreender como vive a sua espiritualidade enquanto pessoa e enquanto docente, junto das suas crianças; outra a uma especialista na área, que me pode ajudar a aprofundar conhecimentos teóricos importantes e lançar-me questões de reflexão ao longo do processo de entrevista sobre a temática do estudo e, por fim, a uma coordenadora técnica de uma instituição católica, que vive com intencionalidade pedagógica explícita a espiritualidade das suas crianças na sua ação educativa.

Destacam-se nestas entrevistas (Ver Anexo 3) os seguintes objetivos:

- Aprofundar conhecimentos sobre a temática da espiritualidade, nomeadamente na infância;
- Compreender a visão dos entrevistados sobre a temática e refletir com os mesmos;
- Identificar estratégias promotoras da espiritualidade no jardim de infância.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas juntamente com a observação participante, a análise de documentos e as notas de campo para aprofundar o campo de pesquisa. São precisamente estas as estratégias de recolha de dados que utilizei no meu estudo.

As entrevistas que efetuei são semiestruturadas, uma vez que tenho objetivos definidos para os dados que quero recolher mas, simultaneamente considero importante haver espaço para o entrevistado falar e partilhar informações que considere pertinentes - tal

como Bogdan e Biklen (1994) referem quando destacam a importância de o entrevistador não controlar demasiado a entrevista e não ter um guião demasiado estruturado para que o entrevistado tenha espaço para falar da sua história e dos seus factos. Os mesmos autores afirmam que nas entrevistas semiestruturadas se fica com certeza de que aquela entrevista é pessoal e conta uma história única.

No que diz respeito à observação, esta é tanto participante como não participante, muito embora muitas vezes seja difícil planear realizá-la, uma vez que estamos a interagir com crianças que são imprevisíveis e muito espontâneas. Segundo Bogdan e Biklen (1994) ser-se investigador é interiorizar o objetivo da investigação e, à medida que o tempo vai passando, ir recolhendo os dados. Neste contexto, a participação é feita ao longo do que vai surgindo e o observador deve sempre ter presente os seus objetivos de investigação e a sua recolha de dados, sendo discreto e espontâneo nas suas interações com as crianças.

As notas de campo são, por sua vez, fruto da minha observação participante e têm um papel importante, uma vez que incluem o resultado das minhas observações, pensamentos e reflexões de determinados momentos vividos no contexto prático. Segundo Bogdan e Biklen (1994), depois de cada observação é de extrema importância o seu registo. Para os autores, o resultado bem-sucedido de um estudo alicerçado em observação participante baseia-se nas notas de campo que deverão ser detalhadas, precisas e extensivas. Como explicitam:

As notas de campo podem originar um estudo diário pessoal que ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como é que o plano de investigação foi efetuado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados (Bogdan & Biklen, 1994, p.151).

A parte reflexiva das notas de campo é uma forma de o observador dar sentido à sua observação, pensar sobre ela e interpretá-la e, uma vez que a investigação incide sobre o comportamento humano, este é sempre um processo subjetivo que se procura compreender (Ver Anexo 2).

Foi neste enquadramento qualitativo, que procurei aprofundar o meu conhecimento para responder às questões elencadas:

- O que é a espiritualidade?
- Como se desenvolve a espiritualidade nas crianças?

- Como pode o educador de infância dar espaço a cada criança para que esta desenvolva a sua espiritualidade?
- Que estratégias são promotoras do desenvolvimento da espiritualidade?
- Qual a importância da espiritualidade do docente para a sua prática junto das crianças?

## **Capítulo IV - Análise reflexiva decorrente da Prática Supervisionada**

Neste capítulo, proponho-me relacionar os dados que recolhi ao longo do estágio e nas entrevistas que efetuei com os conhecimentos teóricos que apresentei de forma reflexiva contruindo, assim, a minha profissionalização, nomeadamente dentro da temática em estudo.

Foi um caminho longo o vivido na elaboração deste relatório. O estágio foi marcado pela situação pandémica que vivemos e, como tal, foi interrompido por várias vezes, quer pela presença de casos positivos de COVID-19 dentro da sala onde estagiei, quer pelo confinamento obrigatório que todos tivemos que realizar. Desta forma, o estágio prolongou-se no tempo para além do inicialmente previsto.

Inicialmente, tinha projetado viver o Natal com as crianças e com a Educadora Cooperante e, tentar, a partir destas vivências observar e recolher dados que me ajudassem a responder às questões de investigação, uma vez que o Natal é especialmente uma época de vivência espiritual que despoleta, em todos, questões, memórias, histórias que podem ser de uma riqueza extrema. Acabei por ir observando, de fora, alguns momentos (Ver anexo 2.1) que ainda mais me deixaram curiosa e com vontade de estar na sala junto com as crianças.

Após o confinamento, retomamos a vida presencial nas escolas e, foi só então, após a interrupção de Páscoa, que pude retomar o meu estágio. Nesta altura, já tinha feito leituras suficientes que me permitiam perceber qual a estrutura que o presente documento iria ter e já tinha percebido que as entrevistas seriam de extrema importância para recolher dados relevantes à minha reflexão. Muito embora tivesse, sempre, ciente sobre a importância das notas de campo, compreendi que não ia conseguir ter o tempo suficiente para as obter em profundidade uma vez que a temática em estudo, nas interações com as crianças, tem que aparecer de forma espontânea, pelo que não dependia completamente de mim conseguir realizar as observações e os registos necessários.

Optei, assim, por realizar três entrevistas - uma à educadora cooperante (ver anexo 3.1) profissional já muito experiente e que trabalha na instituição há 20 anos, pelo que é particularmente sensível à temática da espiritualidade; uma entrevista a uma especialista na área (ver anexo 3.3), neste caso a Maria João Ataíde (ver anexo 3.2), sempre presente ao longo deste percurso, que tem múltiplos conhecimentos e experiências para partilhar no âmbito da temática; e, para enriquecer este trabalho, por fim, uma entrevista a uma

diretoria técnica de uma instituição que, também ela dedica parte do seu projeto educativo, à espiritualidade. Esta terceira entrevista, não foi possível de realizar, uma vez que existiram vários constrangimentos relacionados com a situação pandémica; tendo a entrevista sido adiada por diversas vezes, acabou por não se concretizar.

Para expor a minha prática reflexiva, é importante recordar e refletir sobre as questões de investigação elencadas.

A primeira questão de investigação colocada foi: **o que é a espiritualidade?**

Quando iniciei este percurso, não tinha exatamente a noção do que era a espiritualidade; sabia que poderia ser uma área a estudar, parte do ser humano, que podia ou não estar relacionada com a religião e que era algo importante para o crescimento e para a infância, mas precisava de aprofundar esta temática para melhor a compreender. Como expliquei na problemática do presente relatório, sempre fui uma pessoa que sentiu esta parte espiritual em mim e enquanto mãe tenho tentado ser sensível para com os meus filhos, explicando-lhes os fenómenos da vida, consoante se vão cruzando com eles, tentando estimular os seus conhecimentos através do questionamento e aproveitando sempre a sua curiosidade natural.

Enquanto futura educadora de infância tenho uma preocupação presente: a de ser sensível às crianças e a de não “abafar” a sua espiritualidade.

Deste modo, iniciei este percurso procurando uma definição do conceito de espiritualidade. O meu primeiro contacto com a temática foi num primeiro encontro com Maria João Ataíde escutando-a sobre este conceito. Nesta altura, a troca de questionamentos e saberes, fez-me ter a certeza de que este seria o caminho a seguir. Deste primeiro encontro guardo as seguintes palavras, em que citou Rita Mendes Leal:

Na interação com o outro, criamos uma terceira realidade, que não é a nossa nem a dele, mas a que resulta da relação entre os dois. Esta possibilidade de criar novas realidades através do encontro com os outros é enriquecedora e vital para o nosso desenvolvimento.

Estas palavras fizeram-me pensar a espiritualidade como algo mais abstrato e mais abrangente que a minha ideia inicial. Nye (2019), na sua obra sobre a espiritualidade das crianças, aborda diferentes conceitos de diferentes autores, das mais diversas áreas de conhecimento, dos quais destaco: “a espiritualidade varia desde o sentir uma presença

divina até ao reconhecimento de uma qualidade elevada num acontecimento, num encontro, e uma respetiva resposta de temor e admiração” (Dixon, s/d, citado por Nye, 2019, p.19) e ainda, apela a “uma consciência, uma resposta ou uma capacidade de refletir sobre áreas que estão para além daquelas de interesse do indivíduo ou do ego, algo que não está relacionado com a própria sobrevivência ou riqueza do indivíduo. (James, s/d, citado por Nye, 2019, p.29).

Ao realizar as minhas leituras fui-me apercebendo que não existe uma definição ou um conceito de espiritualidade e que todos os que fui encontrando se complementam. Como mencionado no capítulo do enquadramento teórico, Maria João Ataíde diz-nos que a espiritualidade resulta do cruzamento de duas forças intensas:

- O que nos move de dentro; a força do nosso íntimo que anseia comunicar-se e superar-se;
- O que nos interpela de fora, vindo ao encontro dessa solidão íntima de alguém que se revela a si mesmo, no encontro privilegiado com o Outro.

Farrer (2000), aborda a espiritualidade como presente em todos nós, quer seja como uma aspiração ou como desejo de transcendência, e que se manifesta de diferentes formas, nas casas de religião, na arte, na comunicação, na relação com a natureza ou em diferentes formas de viver.

Desta forma, consoante fui abraçando a temática e fui mergulhando nela fui percebendo que a espiritualidade nasce connosco e está presente sempre - é uma dimensão do ser humano que se manifesta ao longo de toda a sua vida, nas mais diversas formas. Como referiu a Maria João Ataíde na sua entrevista (ver anexo 4.2): “Mais que uma definição ou conceito de espiritualidade, falamos numa dimensão constitutiva do ser humano.”

Não deixa de ser curioso perceber que a Educadora Cooperante (ver anexo 4.1), entende bem, mesmo sem formação específica na área, que a espiritualidade é uma dimensão constitutiva do ser humano, quando nos responde: “Essa espiritualidade, para eles, é muito natural, quer dizer eu acho que é como respirar e beber água, eles... faz parte! Se é desde pequenino, eu acho que faz parte, é normal, é uma segunda pele”. Esta profissional de educação foi percebendo pela sua prática, pela sua observação e pelas suas interações com as crianças, que a espiritualidade é inata e está presente nas crianças.

Estudos mais recentes, mostram-nos que a espiritualidade já é encarada como uma dimensão do ser humano, uma forma de ver, sentir e comunicar com o mundo que se alimenta da interação com o Outro e que se manifesta das mais diversas formas, que seja através da arte, da religião, do modo de vida, entre outros (Robinson, 2020; Lee, 2021).

Robinson (2020), afirma que a espiritualidade é atualmente reconhecida como uma capacidade inata que reside junto de outras capacidades humanas, como a cognitiva, a física, a emocional e a social, afastando a ideia de espiritualidade ligada à religião. O autor afirma ainda que é a crença religiosa que pode estar ligada à espiritualidade de uma pessoa.

Quando iniciei o estágio tinha muita vontade de perceber onde encontrar a espiritualidade na prática, não apenas no momento da manhã em que as crianças rezam, mas no seu quotidiano, nas suas interações e, ao longo da realização deste trabalho, consoante fui lendo e realizando as entrevistas, compreendi que a espiritualidade não se procura, observa-se nas mais pequenas coisas: ao ver uma criança que está isolada na sala, porque precisa de um momento só seu; ao ouvir uma criança contar as suas aventuras no fim-de-semana que teve com a família; ao brincar ao faz-de-conta com as crianças e deixá-las imaginar e sonhar dentro do mundo simbólico; ou quando as crianças questionam e mostram a sua curiosidade natural em perceber o mundo. Desta forma, assimilei o papel do adulto em dar o tempo e o espaço às crianças para se exprimirem e para viverem esta dimensão, que é só sua, a da espiritualidade.

As três questões seguintes de investigação seguintes cruzam-se muito e, por isso, opto por as juntar numa mesma resposta reflexiva. Recordando-as:

- **Como se desenvolve a espiritualidade nas crianças?**
- **Como pode o educador de infância dar espaço a cada criança para que esta desenvolva a sua espiritualidade?**
- **Que estratégias são promotoras do desenvolvimento da espiritualidade?**

Rapidamente, compreendi que a espiritualidade está presente e é inata em todos os seres humanos; desta forma, a espiritualidade pode ser estimulada a partir das vivências das crianças, ou pode ser “abafada” pelos adultos nas suas interações com as mesmas.

Na entrevista que efetuei a Maria João Ataíde (ver anexo 4.2) umas das primeiras coisas que me disse sobre a espiritualidade na infância e sobre o papel do adulto junto das

crianças foi “Em primeiro lugar não abafar, não abafar as manifestações naturais, portanto essa dimensão espiritual manifesta-se na criança naturalmente e o primeiro cuidado a ter é não abafar”. O que me fez logo pensar na relevância da escuta ativa, observação, responsividade.

Então, na entrevista à Educadora Cooperante (ver anexo 4.1) quis perceber qual o seu papel no desenvolvimento da espiritualidade das crianças e qual a sua visão e a palavra “semeadora” destacou-se na sua resposta, o que reforçou os conhecimentos teóricos que tenho vindo a adquirir sobre a estimulação ser inata nas crianças, ou seja, as crianças são o terreno fértil e precisam de receber a semente para florir:

Eu acho que a espiritualidade é uma coisa que é desenvolvida, individualmente, pessoalmente, mas por cada criança e por cada pessoa. E esse trabalho, nós damos as ferramentas e eles desenvolvem sozinhos, eu não posso dizer que desenvolvo a espiritualidade de a, b ou c, quer dizer... eu planto lá a semente e depois vou regando e logo se vê se germina ou não... é como os feijões há uns que brotam e há outros que não! Mas está lá a semente, eu acho que está lá a semente e fica.

Como sublinha Nye, “A espiritualidade das crianças é como uma criança.” (Nye, 2019, p.23). Esta autora afirma que uma grande parte da experiência da infância tem o potencial de ser espiritualmente estimulante e, por isso, estimular a espiritualidade na infância é muito mais do que simplesmente adequar as crianças aos critérios espirituais dos adultos. Para se compreender a espiritualidade na infância é importante compreender a infância de uma forma global (Nye, 2019); tal como referido no enquadramento teórico, é fundamental perceber que as crianças têm uma forma mais holística de ver as coisas, são especialmente curiosas e possuem uma capacidade natural de admiração pelo mundo - todos os dias descobrem coisas novas e estão sempre a aprender.

Maria João Ataíde, na sua entrevista (ver anexo 4.2) dá pequenos exemplos de momentos de interação entre o/a educador/a que podem ser momentos muito ricos no âmbito do desenvolvimento espiritual: “Nos jardins de infância na hora da sesta, às vezes a pessoa abeirando-se ao pé deles... podemos rezar com eles, ouvi-los e aproveitar estes momentos de um para um.”.

Lee (2021), afirma que, na primeira infância, as crianças podem e devem explorar limites entre a realidade e a imaginação, desenvolvendo, assim, a sua espiritualidade e que o profissional de educação deve estar ciente da importância que tem ao nutrir a espiritualidade da criança, oferecendo-lhes contextos altamente diversificados e enriquecidos em estímulos que lhes promovam a criação de significado, uma maior consciência do mundo que as rodeia e conexão, sentimento de pertença ao que vivem.

Quando entrevistei a Educadora Cooperante, tentei perceber qual a sua percepção de espiritualidade nas crianças (ver anexo 4.1):

Todos os dias de manhã quando rezo com eles e, à medida que vão crescendo quando acompanho os grupos, caso o faça... normalmente aos 3 anos eles começam por saber pequenas orações, saber agradecer, pedir pelos pais e pelos irmãos, agradecer o sol ou a chuva, ou a luz e, depois a partir dos 4 e 5 anos já começam a pedir coisas que eles queiram mesmo, ou o avô que está doente, ou rezar pelos pobrezinhos que não têm comida; quer dizer, há uma intencionalidade mais profunda à medida que eles vão crescendo, nas orações e no sentido da oração. Mesmo as idas à missa que a escola tem, nas datas formais e nas idas à capela uma vez por semana, em que rezamos ao Jesus e em que eles gostam de ver lá as estátuas do Jesus e do Jesus grande, o Jesus pequenino..., portanto, tudo isto faz parte de uma caminhada que eles fazem progressivamente consoante a idade.

Nesta resposta da Educadora consigo sentir a sua sensibilidade para a importância da estimulação da espiritualidade nas crianças ao seu ritmo e, consoante vão crescendo, oferecer-lhes condições para que possam florescer, para que possam, a partir das suas experiências, ir descobrindo o caminho, ir questionando e ir partilhando, promovendo assim, a reflexão em cada criança. Deste modo, podem articular as suas vivências pessoais e familiares com as do jardim de infância/escola e ir construindo o seu caminho espiritual, que, neste caso, está associado à religião, mas que poderia não estar.

Neste seguimento, Robinson (2020) defende que a espiritualidade pode ser experimentada e expressa de várias formas, através da música, de leituras, de crenças, da meditação, do silêncio ou até do serviço voluntário e social, sendo que, nas crianças, a espiritualidade se expressa através de “diferentes vozes espirituais” como a imaginação, a criatividade, a admiração. Tal como refere Maria João Ataíde na entrevista (ver anexo 4.2):

O meu convívio com crianças, através dos estágios que visitava, dos meus netos, mostra-me que as crianças só precisam de ser ouvidas. Se tivermos com eles uma conversa que vá ao encontro das dúvidas deles, estamos a regar e a estimular o seu desenvolvimento espiritual.

Retomando o acróstico de Nye (2019) S.P.I.R.I.T., apresentado no enquadramento teórico, e relacionando-o com as minhas vivências ao longo da realização deste trabalho, tanto no estágio, como nas entrevistas que realizei é interessante compreender como a prática e a teoria estão tão entrelaçadas e, juntas, se complementam. O primeiro critério mencionado no acróstico é o espaço (space) que tanto se refere ao espaço físico, que é o ambiente educativo, como ao espaço emocional onde a criança se sente segura e pode ter uma voz ativa no seu crescimento e no seu processo de aprendizagem, havendo um espaço para a escuta ativa, para o diálogo e partilha de ideias que promova a reflexão conjunta. Este aspeto foi vivenciado no estágio e mostrou-me a enorme importância das crianças terem este espaço, para que possam ser ativas no seu processo de aprendizagem, como se pode consultar nos meus registos (ver anexo 2.1) de que aqui tomo como exemplo o seguinte momento descrito:

As crianças ficaram muito agitadas, umas a levantar o braço, outras a gritar vários animais e outras a imitar sons de animais.

O Z. disse: “Vamos escrever quais os animais que já sabemos que nascem de ovos e podemos pesquisar no telemóvel se não soubermos!”

O Z. sentiu que havia espaço para partilhar a sua ideia e para sugerir a todo o grupo um caminho a seguir, a partir do momento que todos tinham vivido. E foi exatamente este momento que originou o projeto que se seguiu, o dos animais que nascem de ovos. Este pequeno momento potenciou o nascimento de um projeto que as crianças viveram durante semanas e que lhes trouxe inúmeros conhecimentos, vivências e partilhas. Ainda no mesmo registo reflito sobre a importância de as crianças terem espaço para ficarem agitadas após um momento que as faz pensar e questionar e terem oportunidade de partilhar entre si toda essa agitação que as percorre e as faz querer falar e partilhar (ver anexo 2.1), “Quando a história terminou e observei a agitação das crianças em querer falar, senti da parte da educadora o espaço que deu às crianças para partilharem entre si o que tinham para dizer, para pensarem em conjunto”.

No contexto do meu estágio, que é, como já referi, um contexto católico, o/a educador/a pode utilizar o processo como forma de estimular a espiritualidade, como é o caso da vivência do advento com as crianças e de lhes proporcionar essa vivência, rica em experiências diversificadas que as estimulam e as levam ao questionamento, lhes avivam as memórias familiares e as fazem pensar e relacionar aquilo que as rodeia. Observei o lançamento do advento (ver anexo 2.1) e o momento em que se juntaram na capela, onde rezaram e onde falaram sobre o Natal. A educadora está a potenciar o início de um processo, enriquecendo os momentos e as vivências das crianças e esperando o que daí irá resultar para que o processo possa, então, ser vivido. Neste exemplo referido, quando a educadora escolhe a capela para o lançamento do advento, está intencionalmente a pensar no espaço físico e no espaço emocional estimulando espiritualmente as crianças, dando-lhes o tempo e o espaço para pensarem, para verbalizarem e para refletirem em conjunto.

Na entrevista que efetuei a Maria João Ataíde (ver anexo 4.2), a dada altura, diz-me: “Rir é muito importante, o sentido de humor é um fator importantíssimo da educação espiritual e mesmo no evangelho há partes que são... se não é humor, é muito perto”. Foi algo que me fez pensar e relacionar com o ambiente que vive no meu contexto de estágio que era um ambiente de brincadeira, descontração e muitas risadas e, de facto faz sentido, este tipo de ambiente pois promove um sentimento de segurança às crianças onde estas sentem que podem ser e estar de forma natural e espontânea. Esta constatação, leva-me, novamente, para o acróstico de Nye (2019): os seis critérios só podem ser respeitados num ambiente em que a criança possa ser ela própria, onde exista brincadeira e onde as vivências individuais se possam tornar em vivências de grupo, em partilha e reflexão conjunta.

Como mencionado no capítulo do enquadramento teórico, outro dos critérios do acróstico de Nye (2019) é a imaginação (imagination) estando este diretamente relacionado com a capacidade de o adulto estar aberto à criança e de a levar mais longe. As crianças são especialistas em imaginar coisas de uma forma completamente diferente do que os adultos consideram o convencional. A autora dá exemplos práticos de como o adulto pode estimular a imaginação da criança:

- Incluir exercícios criativos na sua prática, como por exemplo perguntar: “quantas coisas diferentes é que este cabide pode ser?”;

- Resistir ao desejo de se afastar dos comentários ou sugestões aparentemente absurdos que as crianças fazem, prestando atenção a sugestões não convencionais e deixando-se seguir pela criança;
- Dar oportunidade à criança de escolher sozinha o que pintar, desenhar ou fazer em resposta a estímulos.

Existem ainda três critérios do acróstico de Nye (2019) que, na minha opinião estão muito interligados e que são pontos muito sensíveis na vivência da espiritualidade: a relação (relationship), a intimidade (intimacy) e a confiança (trust). No meu estágio fui capaz de observar as interações entre a Educadora e as crianças e perceber como é importante a relação entre adulto-criança, para que as crianças estejam e se sintam num ambiente seguro. Um dos exemplos que vivi e que imediatamente me reportou para a temática do presente relatório está descrito em nota de campo (ver anexo 2.3) em que é vivida uma situação potencialmente embaraçosa em espaço de sala: “A Educadora aproximou-se da M. e falou com ela ao ouvido. Vi-a acenar afirmativamente para a Educadora. Deram as mãos e saíram da sala”. Um momento que, normalmente é tão banalizado, que pode ser tão inibidor e, até humilhante, viveu-se de forma muito serena e tranquila, em que a Educadora foi capaz de empatizar com a criança, dando-lhe segurança, sem a expor perante as outras crianças e ajudando-a a resolver a questão. Esta observação e exemplo demonstram, a meu ver, a aplicação dos três últimos critérios citados por Nye (2019). Nesta nota de campo (ver anexo 2.3) traduzi, assim, a vivência de um momento que me fez pensar muito sobre as práticas mais quotidianas no Jardim de Infância e como podem ser tão invasivas para as crianças, quebrando todo este S.P.I.R.I.T. e abafando completamente o respeito pela criança na sua individualidade, expondo-a ao grupo de forma humilhante. A situação descrita na Nota de Campo, que é algo que pode acontecer muito facilmente numa sala de Jardim de Infância; como então escrevi nas inferências sobre a observação realizada:

Quando observei a postura da Educadora com a M. senti que esta tinha conseguido ser discreta e tinha conseguido respeitar aquele momento embaraçoso para a M. As restantes crianças não se aperceberam do sucedido e para a M. foi importante uma vez que percebi que estava verdadeiramente embaraçada com aquele momento.

Eu já tinha estado junto da criança e tinha demonstrado respeito pelo facto de esta não querer a minha aproximação; no entanto, quando a Educadora se aproximou com esta delicadeza e calma, sem alaridos e agindo como se tudo estivesse dentro da normalidade, sorri e compreendi a importância da atitude da Educadora naquele momento.

Quando abordamos o contexto prático e, voltando aos documentos orientadores para o exercício da profissão em educação de infância, consigo facilmente compreender que a dimensão espiritual está implícita na abordagem que é preconizada à criança. Quando nas OCEPE (Lopes da Silva et al., 2016) se abordam princípios e fundamentos - como a criança como sujeito ativo do seu processo de aprendizagem ou a resposta a todas as crianças - está a defender-se uma abordagem holística da criança, onde esta é valorizada pela sua unicidade, pela sua história de vida e pela sua bagagem como fatores essenciais à sua aprendizagem. É, desta forma, possível significar todos os momentos de aprendizagem e de vivência das crianças que são únicos para cada uma e que refletem o seu caminho de crescimento e de desenvolvimento em todas as suas dimensões.

A área de conteúdo da Formação Pessoal e Social estabelece que as aprendizagens a desenvolver são:

- Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural;
- Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural.

A partir destas aprendizagens, é possível fazer a criança passar por um processo interior de autoconhecimento que a faz pensar e reconhecer quem é, de onde vem e a faz acrescentar o que vai vivenciar, articulando experiências e saberes e refletindo sobre o seu próprio caminho. Com base no enquadramento teórico realizado, entendo que este é um enorme caminho de desenvolvimento espiritual que pode elevar a criança ao pensamento crítico e à reflexão.

Segundo Robinson (2020), numa sala de um jardim de infância é possível promover práticas que estimulem a dimensão espiritual, práticas estas que incluam oportunidades para o silêncio com significado, para o questionamento, para a consciência corporal, para a focalização, para o uso da imaginação e para a reflexão. O autor defende que a admiração é uma das características fundamentais na infância para o desenvolvimento da compreensão do mundo e para o desenvolvimento espiritual de cada criança. Goodliff (2013, citado por Robinson, 2020) desenvolveu um trabalho de investigação em que

apurou que as crianças muito pequenas se envolvem e expressam a espiritualidade através da sua imaginação, sendo que a espiritualidade é multidimensional e abrange momentos de reflexão, criatividade, compaixão, transcendência e construção de significado. Isto não significa que estes momentos sejam sinónimos de espiritualidade, mas que são altamente promotores de estímulos para o desenvolvimento da mesma nas crianças.

Neste seguimento, é muito importante que as aprendizagens a promover vão ao encontro dos interesses das crianças, para que tenham significado. Quando entrevistei a Educadora Cooperante falamos um pouco sobre o currículo, de forma a perceber como faz essa gestão dentro da sua sala (ver anexo 4.1):

Aqui há um currículo não formal e que, normalmente ou eu mando, ou mandam eles... normalmente mandamos os dois e tentamos seguir a linha do que eu acho que é importante adquirirem nesta idade, mas indo ao encontro das necessidades deles e dos seus gostos e interesses... sobretudo dos interesses.

Esta gestão de currículo que se adequa aos interesses das crianças é promotora dos princípios e fundamentos que enunciei no capítulo do enquadramento teórico que são abordados nos documentos orientadores à prática docente e, simultaneamente, é estimuladora da espiritualidade das crianças, uma vez que lhes oferece as condições para que se sintam seguras, envolvidas, que sintam pertença e que exista significado no que estão a fazer e a viver.

Um trabalho empírico num jardim de infância relata que, na promoção da espiritualidade, os educadores devem ouvir a riqueza e a profundidade que as experiências de espiritualidade na Infância têm a oferecer, uma vez que “a capacidade espiritual está presente em cada ser humano, mas precisa de ser ativada e realizada, e o seu despertar e desenvolvimento durante a infância é de grande importância” (Champagne’s, 2008, citado por Robinson, 2020, p.258).

Este caminho só é possível se for realizado em conjunto com o/a educador/a de infância, numa relação de respeito e de confiança, em que o adulto promove um caminho estimulante para a criança e esta é livre de o viver como quiser e de o vivenciar de acordo com a sua forma de ser. Destaco uma das frases de Maria João Ataíde na entrevista (ver anexo 4.2): “Valorizar sempre as crianças e o que nos trazem.”.

Quando, no enquadramento teórico, abordei a Carta de Ética da APEI, mencionei que esta se faz de compromissos, do/a educador/a de infância para com a criança, as famílias, a

comunidade e a sociedade. Destaco os seguintes compromissos do/a educador/a para com a criança, neste sentido de respeitar e estimular a espiritualidade:

- Respeitar toda a criança, independentemente da religião, gênero, etnia, cultura, estrato social ou necessidades educativas especiais, incluindo-a e promovendo os seus direitos consagrados na Convenção Internacional;
- Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto;
- Responder com qualidade às necessidades, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance;
- Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade.

Quando entrevistei Maria João Ataíde, na nossa conversa, abordamos a temática da espiritualidade nas escolas e, nomeadamente nos contextos católicos, uma vez que uma das minhas preocupações, enquanto profissional de uma escola católica, é que a espiritualidade possa ser vivida de forma muito mecanizada e rotineira o que pode fazer com que as crianças deixem de encontrar significado nestes momentos vividos. Nesta conversa, dei o exemplo das missas que vão acontecendo nas instituições, missas rotineiras às quais as crianças têm que comparecer e questionei-a sobre como tornar esses momentos significativos:

Vai haver uma missa, chega a responsável e diz que amanhã tem uma missa, para eles já é rotina. Mas pode dar a volta, por exemplo dizer-lhes: então e se fizermos uma surpresa aos outros meninos, vamos fazer flores de papel para pôr lá! Tornar qualquer coisa diferente, dar-lhes significado. Eles já não querem saber da rotina, prendem-se à flor. Damos uma flor a cada um que entra, por exemplo. As rotinas são o pior.

Nesta fase, percebo que é a forma como apresentamos os momentos às crianças e como os vivemos com elas que as pode fazer desabrochar dentro da sua espiritualidade e, consoante vão crescendo, vão procurando saber mais e nós, profissionais de educação, vamos sendo desafiadas a proporcionar-lhes vivências ricas e estimulantes.

Relativamente à última questão de investigação: **Qual a importância da espiritualidade do docente para a sua prática junto das crianças?**, penso que não consegui aprofundar o meu estudo o suficiente para lhe conseguir dar resposta. Ainda assim, e nas entrevistas

que efetuei percebi que, da parte da Educadora Cooperante existe sensibilidade para este tema, é uma pessoa que trabalha na instituição há mais de 20 anos e que é católica, pelo que a espiritualidade faz parte da sua prática, ainda que seja particularmente ligada à religião. (ver anexo 4.1):

Eu acho que a espiritualidade na minha profissão... faz parte do meu ser, portanto... eu sou uma pessoa cristã, eu sou temente a Deus, como todas as pessoas cristãs, vou à missa e tenho fé. E acho que, ao passar essa fé para as crianças, em que existe uma força superior a nós, em que nos move e que é uma ambição tentar chegar aos calcanhares de Jesus na maneira como Ele é amigo do outro, como Ele respeita os animais... quer dizer, tudo isto faz parte da educação, portanto para mim é uma balança equilibrada... quer dizer, o amar o próximo, amar ao outro, amar ao Pai, o respeito pelo outro, pela natureza.. tudo isto também são bases da educação e do ser social numa sociedade atual, portanto acho que está a par e passo, não me transcende.

Robinson (2020) enfatiza a necessidade de os educadores terem formação espiritual para serem capazes de nutrir a espiritualidade das crianças, uma vez que só com conhecimentos sobre a espiritualidade das crianças poderão capacitá-las e planejar intencionalmente experiências e oportunidades de desenvolvimento espiritual. O autor afirma que sendo os momentos espirituais frequentemente iniciados pela criança e de forma espontânea é necessário que os educadores possuam as competências para discernir estes momentos e se envolver estimulando a espiritualidade da criança. No mesmo estudo que realizou em três jardins de infância católicos, Robinson reconhece que existe uma conexão entre o contexto religioso das escolas e a compreensão pessoal dos educadores sobre espiritualidade, que é baseada na fé. Esta relação leva-me a pensar que se existisse, na formação inicial dos docentes investimento no estudo a aprofundamento da dimensão espiritual, nomeadamente na infância, os profissionais estariam mais preparados para serem capazes de estimular esta dimensão na sua prática em qualquer contexto. Como afirma o autor:

Promover a espiritualidade infantil exige que o educador tenha desenvolvido um sentido pessoal de espiritualidade, ou seja, que tenha vivenciado momentos espirituais na própria vida. Os educadores devem ter o conhecimento e as habilidades para refletir sobre a sua própria espiritualidade e a capacidade de usar essas experiências, juntamente com as práticas pedagógicas da sua formação

para criar e facilitar oportunidades espirituais para as crianças (Robinson, 2020, p. 267).

## **Capítulo V - Considerações finais**

Neste capítulo proponho-me a apresentar uma conclusão reflexiva acerca do trabalho realizado, relacionando os conhecimentos que adquiri no enquadramento teórico e nas leituras que fui fazendo com os dados que recolhi durante a Prática Supervisionada em Jardim de Infância e as experiências que vivi. Através desta reflexão pretendo sintetizar os conhecimentos adquiridos e perceber quais as limitações que tive e o que fica por aprofundar e compreender, potencialmente a desenvolver em trabalhos futuros.

Iniciei este percurso cheia de dúvidas e medos; sabia que ia ser um caminho longo e difícil onde teria que conciliar o meu trabalho e a minha vida familiar com o estágio e o RPES. A primeira etapa, a escolha da temática foi muito rápida, uma vez que, como já referi anteriormente, esta já tinha sido escolhida no início da minha formação inicial.

Assim que iniciei o trabalho de pesquisa percebi que ia ser difícil encontrar documentação e fundamentação teórica para este tema. O primeiro obstáculo foram os autores de referência que não consegui encontrar, teria sido mais fácil se tivesse dois ou três autores de referência que me guiassem. Ainda assim, a presença de Maria João Ataíde revelou-se de extrema importância, quer pelos conhecimentos que me transmitiu e documentos que me apresentou, como também pela energia e pela positividade sempre presentes. Os encontros que tivemos foram, para mim, banhos de energia que me deram alento para me focar e manter neste caminho. A profundidade das nossas conversas, a partilha de experiências enriqueceram-me muito e ajudaram-me a crescer como pessoa e como futura profissional de educação.

Tenho noção que a revisão da literatura foi uma limitação e que este trabalho poderia ser mais aprofundado no seu quadro conceptual, assim como ao nível do estágio poderia ter existido um envolvimento maior dentro da temática em estudo.

Por força das circunstâncias pandémicas e minhas circunstâncias pessoais vivenciei o estágio e o RPES como dois momentos diferentes que não foram realizados a par e passo e, para a minha construção profissional e para este documento final, teria sido mais benéfico, mais enriquecedor se houvesse uma maior articulação entre o RPES e o estágio.

No primeiro capítulo, defini qual o meu objetivo para este trabalho - aprofundar conhecimentos sobre o conceito de espiritualidade e sobre a sua expressão no bem-estar, desenvolvimento e aprendizagem das crianças, bem como compreender qual o papel do

educador de infância junto das crianças na promoção da sua espiritualidade, debruçando-me sobre o seu papel no contexto prático, nomeadamente sua ação.

Uma das primeiras noções base com que fiquei logo no início foi a compreensão de que a espiritualidade é uma dimensão inata nas crianças, que está presente e que precisa de estímulos para que possa desabrochar. A frase que trago comigo de Maria João Ataíde (ver anexo 4.2) é:

A espiritualidade que é a tal dimensão inerente e constitutiva da pessoa humana manifesta-se, ou seja, é observável de formas diferentes consoante a idade. Temos que estar abertos e sensíveis e podemos alimentar, enriquecendo as suas experiências. Tudo o que é observar a vida, agradecer a vida.

Foi com esta noção que iniciei o estágio e foi muito gratificante todo o caminho que percorri, uma vez que desmistifiquei medos que tinha relacionados com o jardim de infância e me maravilhei com todos os momentos que vivi com as crianças e com a Educadora Cooperante. Percebi que estando sensível à temática posso ajudar as crianças a crescer espiritualmente, ouvindo-as, seguindo-as e criando-lhes condições para que cresçam num ambiente seguro e rico em estímulos que lhes permitam imaginar e criar.

Nye (2019) definiu os seis critérios, que já mencionei, e que podem ajudar o adulto a criar um ambiente favorecedor da estimulação espiritual através do acróstico supramencionado: SPIRIT. Este acróstico ajudou-me a sintetizar algumas ideias base na promoção da espiritualidade em contextos práticos de jardim de infância.

Enquanto futura profissional de educação um dos conselhos dado pela Maria João Ataíde ficou gravado em mim (ver anexo 4.2) e levo-o, no meu coração, para o meu futuro exercício profissional:

A maior aprendizagem que pode levar para si é a disponibilidade, o poder de observação e a responsividade tem que ser uma educadora atenta, responsiva e também capaz de estimular. Introduzir o que estimule. Uma pessoa que está motivada para a parte espiritual depois sabe orientar as crianças e tem capacidade de estimular a partir da observação e da relação. Esta atenta e é natural que consiga trazer para a conversa os estímulos necessários e oportunos.

Ao longo destes cinco anos de formação tive oportunidade de aprofundar conhecimentos sobre um modelo desenvolvimental e relacional com que me identifico muito, que é o Modelo Touchpoints de Brazelton e, ao longo da realização deste trabalho tive sempre uma vontade grande de o relacionar com a temática em estudo, uma vez que me faz todo o sentido, por considerar que é um modelo que respeita a criança de forma holística e que a ajuda a crescer com base nas suas potencialidades, na sua bagagem e na sua unicidade. Acabei por não o conseguir fazer e penso que, num futuro trabalho seria muito interessante cruzar esta temática da espiritualidade com o modelo referido, seria benéfico para a minha construção pessoal e profissional.

Termino com a sensação de que estou mais rica e que estou um pouco mais preparada para o início da minha profissão docente, sendo que irei continuar o meu caminho de formação para continuar a crescer e ser capaz de dar o melhor de mim às crianças, partilhando um dos princípios orientadores que o Modelo Touchpoints define para os profissionais e que acho que está tão relacionado com o presente trabalho: Valorize a paixão onde quer que a encontre.

## Referências Bibliográficas

- APEI. (2011). *Carta de Princípios para uma Ética Profissional*. Lisboa: APEI.
- Ataíde, M.J. (2007). A religiosidade na infância. *Pastoral catequética*, 7(3). 19-29
- Bogdan, C., & Biklen, S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*, Porto Editora: Porto.
- Catré, M., Ferreira, J., Pessoa, T., Catré, A., Catré, M. (2016). Espiritualidade: contributos para uma clarificação do conceito. *Análise Psicológica*. 34(1), 31-46. doi: 10.14417/ap.877
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2006). *O planeamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens*. (S. Regina, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Farrer, F. (2000). *A quiet revolution*, Ed. River.
- Garcia, S. S., & Romero, T. R. S. (2020). Narrativas autobiográficas e sua presença em periódicos A1. *Revista Devir Educação*, 313-333. doi: 10.30905/ded.v0i0.199
- Lee, J. C. (2021). Children's spirituality: Personal reflections on International Journal of Children's Spirituality (IJCS). *International Journal of Children's Spirituality*, 26(1-2), 1-8. doi: 10.1080/1364436X.2021.1879504
- Lopes da Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência/Direção Geral de Educação. Recuperado de <http://www.dge.mec.pt/orientacoes-curriculares-paraeducacao-pre-escolar>
- Nye, R. (2019). *A espiritualidade das crianças – o que é e para que serve Lisboa*: Paulus Editora.
- Robinson, C. (2020). To be 'formed' and 'informed': early years' educators' perspectives of spirituality and its affordance in faith-based early learning centres. *International Journal of Children's Spirituality*, 25(3-4), 254-271. doi: 10.1080/1364436X.2020.1848810
- Watson, J. (2006). Every child matters and children's spiritual rights: does the new holistic approach to children's care address children's spiritual well-being?.

*Internacional Journal of Children's Spirituality*, 11(2), 251-261. doi:  
10.1080/13644360600797255

# Anexos

## **Anexo 1**

### **Narrativa Autobiográfica**

Esta narrativa surge no âmbito do meu Relatório de Prática Supervisionada em Educação (RPES) e surge como uma ferramenta que fundamenta este caminho, por mim escolhido, de forma a dar-lhe sentido e a alicerçá-lo. A temática que escolhi para este meu relatório foi a da espiritualidade, uma temática pouco aprofundada neste tipo de relatórios e pouco usual e que está diretamente relacionada com o “eu” de cada um.

Ao propor-me a este caminho e, após ter refletido com a minha orientadora, entendo que faz sentido fazer uma narrativa pessoal sobre mim e o meu caminho na espiritualidade para pensar sobre mim e para melhor me compreender antes de iniciar este caminho. O meu desejo é que esta narrativa seja, também, uma forma de fundamentar e justificar a minha escolha nesta temática.

Nasci no Porto no seio de duas famílias católicas praticantes, ditas tradicionais. Tive uma educação católica, andei num colégio católico e, cresci à volta destes valores. Sempre frequentei a catequese e, até pouco depois de os meus pais se separarem, ia à missa por vontade própria (cerca dos 12/13 anos). Encontrava, na religião um refúgio, sempre fui uma criança muito tímida e muito fechada que passava horas a pensar sobre mim, sobre os outros, tinha muitas dúvidas e inquietações e sentia-me bem quando procurava a religião.

Por volta desta idade, perdi dois avôs e uma avó (num período de 3 anos) e, lembro-me que fiquei muito zangada e deixei de ir à missa, deixei de entrar numa igreja e em vez disso, ia para o átrio do prédio da minha avó e ficava lá imersa em recordações e pensamentos.

Com 12 anos comecei a fazer voluntariado no lar de idosos das “Irmãzinhas dos Pobres” e duas tardes por semana estava com idosos a conversar. Sentia-me bem lá... de conversar passei a ajudar nas refeições e, mais tarde iniciei voluntariado nas enfermarias do lar, onde cuidava dos idosos, alimentava os acamados, ajudava nos cuidados de higiene. Neste lar, ia muitas vezes à capela e lembro-me de refletir muito sobre o sentido da vida, lembro-me de pensar que seguir o caminho religioso poderia ser uma hipótese para a minha vida... Nesta altura, lembro-me que me sentia bem em ajudar os outros, que sentia que dava mais sentido à minha vida.

Até aos meus 16 anos permaneci nesta instituição como voluntária. Tinha uma adolescência saudável, com muitos amigos, mas nem sempre me identificava com os seus gostos consoante fui crescendo. As idas à discoteca nunca me agradaram e ia quase por obrigação e, em casa e no lar de idosos, era onde melhor me sentia.

Se olhar para trás e pensar como me sentia comigo mesma acho que nunca me senti verdadeiramente bem comigo mesma, daí a necessidade de agradar aos outros (ir com as minhas amigas às discotecas) e a necessidade de sentir que era útil e prestável (fazer voluntariado e ajudar sempre toda a gente).

Com 16 anos fui viver para Lisboa, por questões profissionais da minha mãe e deixei o voluntariado. Entrei numa fase onde vivi adormecida de mim mesma... o deixar de fazer voluntariado tirou um sentido grande à minha vida... Curiosamente, foi por esta altura que recomecei a frequentar a igreja, não ia à missa, mas ia muito nos meus tempos livres para estar sozinha, para pensar e para conversar comigo mesma...

Decidi que enfermagem era o curso que queria fazer para poder cuidar dos outros que sentia ser uma vocação em mim. Desde que entrei no curso e até que o terminei vivi intensamente a minha vida académica, com muito sentido e muita dedicação. Sentia que tinha um objetivo e estava focada nele.

Ao longo dos 12 anos que exerci enfermagem cresci muito interiormente com o que fui vivendo... fui trabalhar para o Instituto Português de Oncologia 3 anos após ter terminado o curso e fui para um serviço de oncologia médica onde contactei com pessoas em todas as fases de tratamento, desde o início até ao final, aos cuidados paliativos.

O contacto com esta realidade fez-me procurar novamente algum acolhimento espiritual que me ajudasse a pensar e a aceitar tudo o que vivia profissionalmente. Os 10 anos de trabalho no IPO, tanto com adultos como com crianças fizeram-me pensar e questionar sobre tanto... sobre a vida, a morte, sobre o que controlamos e o que não controlamos e sobre como vivemos...

Desde então que sou uma pessoa católica praticante e que pensa e reflete sobre a vida e sobre os seus acontecimentos...

Sou mãe de duas crianças e tento sempre mostrar-lhes a verdade e fazê-los pensar sobre ela, para que aceitem a vida como ela é e para que a saibam aproveitar no seu melhor, nos momentos bons em família, na natureza e no contacto com os outros.

Enquanto futura profissional de educação preocupa-me muito o trabalho dos educadores junto das suas crianças, a forma como podem ajudá-las a crescer com naturalidade e respeitando cada ser como único que cada uma é e, ao mesmo tempo, fomentar o seu pensamento crítico e a sua capacidade de ver, sentir, interpretar e pensar o mundo.

## Anexo 2 – Notas de Campo

### 2.1. Nota de campo nº 1

Data: Dia 3 de dezembro de 2020

Local: Na capela da instituição

Duração: 2 minutos

Intervenientes: Educadora e crianças da sala

Notas descritivas	Notas inferenciais
<p>Eu estava a passar junto da capela e, quando olhei vi que estava lá o grupo da sala onde estou a realizar o estágio, parei e fiquei a observar.</p> <p>As crianças estavam sentadas, distribuídas pelos dois bancos da frente e a educadora estava em pé, de frente para as crianças e de costas para o altar.</p> <p>Estavam a começar a rezar.</p> <p>A educadora disse: Mão direita no ar e mão esquerda no peito.</p> <p>As crianças imitaram o gesto feito pela educadora, levantando a mão direita e colocando a mão esquerda no peito. O A. disse: Está bem assim, B.?</p> <p>A educadora lembrou que todos tinham uma bolinha encarnada no dorso da mão direita e as crianças olharam para as suas mãos colocando-as segundo a indicação.</p> <p>Todos disseram em coro:</p>	<p>Quando vi as crianças na capela imediatamente me deu uma enorme vontade de me juntar ao grupo e viver aqueles momentos. Senti alegria por ver que estavam na capela e que, o momento que vivem diariamente no tapete também pode ser vivido na capela, um sítio tão bom para rezarem e para significarem o ato de rezar a Jesus e a Maria.</p> <p>Quando as crianças começaram a rezar voltei a pensar nesta estratégia que as crianças adoram de colocar uma pinta ou um smile na mão direita. É uma forma de as envolver, de lhes dar motivação e ao mesmo tempo de as ajudar a distinguir a mão direita da mão esquerda. Sinto mesmo a alegria e o entusiasmo nas crianças em ter esta marca na mão.</p> <p>Outra coisa que sinto é o entusiasmo a rezar, na forma como fazem a mímica e como entoam das palavras; para mim é maravilhoso</p>

<p>“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Ámen.</p> <p>Bom dia Jesus, Bom dia Maria</p> <p>Somos Teus amigos com muita alegria,</p> <p>Oh Meu Menino Jesus</p> <p>Tomai conta do meu pai,</p> <p>Da minha mãe, dos meus manos e de mim também</p> <p>Ajudai-me a ser bonzinho e a portar-me bem!</p> <p>Anjinho da Guarda, minha doce companhia</p> <p>Guardai a minha alma de noite e de dia!</p> <p>Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Ámen.”</p> <p>Todos fizeram os gestos enquanto rezavam em coro.</p> <p>Quando terminaram a Educadora disse:</p> <p>Sabem o que é o Advento?</p> <p>Nesta altura eu tive que sair, uma vez que estava apenas de passagem e não no tempo destinado à realização do meu estágio.</p>	<p>perceber que as crianças vivem este momento e que têm significado para elas.</p> <p>O facto de a educadora ter escolhido a capela como local de uma primeira abordagem ao Advento é muito significativo na minha opinião, uma vez que mostra às crianças que a capela é um local também delas, onde podem rezar e onde podem estar e conversar.</p>
---	--

## 2.2. Nota de campo nº 2

Data: Dia 15 de abril de 2021

Local: Na sala

Duração: 2 minutos

Intervenientes: Educadora e crianças da sala

Notas descritivas	Notas inferenciais
<p>Após o momento de reunião de grande grupo, no tapete, onde as crianças cantaram a música do “Bom-Dia” e rezaram a Educadora contou uma história, relacionada com a Páscoa, os “Ovos Misteriosos”.</p> <p>A Educadora contou a história e as crianças mantiveram-se todo o tempo no tapete, a escutar e a observar.</p> <p>Quando terminou de contar a história, o M disse: “Nós também nascemos dos ovos?”</p> <p>A I. disse: “Não, não nós nascemos das barrigas das mães!”</p> <p>A educadora perguntou: “Sabem quais são os animais de nascem de ovos?”</p> <p>As crianças ficaram muito agitadas, umas a levantar o braço, outras a gritar vários animais e outras a imitar sons de animais.</p> <p>O Z. disse: “Vamos escrever quais os animais que já sabemos que nascem de ovos e podemos pesquisar no telefone se não soubermos!”</p>	<p>As crianças, assim que a educadora começou a contar a histórias, mostraram-se muito interessadas e fui observando a postura das crianças: muito quietas, de olhos postos nas ilustrações do livro e muito concentradas.</p> <p>Algumas iam sorrindo ao longo da história e eu estava mesmo a sentir o interesse e gosto das crianças por aquele momento.</p> <p>Quando a história terminou e observei a agitação das crianças em querer falar, senti da parte da educadora o espaço que deu às crianças para partilharem entre si o que tinham para dizer, para pensarem em conjunto.</p> <p>Achei especialmente interessante como o Z. percebeu que daquele momento podiam surgir novos momentos de aprendizagem para todo o grupo; foi naquele momento que pensei que podíamos estar a viver o ponto de partida de um projeto, que foi o que aconteceu de seguida.</p>

<p>Todos estavam muito sorridentes e entusiasmados, com vontade de falar e partilhar os seus conhecimentos.</p> <p>O J. disse: “Eu vi tartarugas bebés que saem dos ovos na Praia do Forte, no Brasil”</p>	<p>A presença das vivências das crianças é, de facto muito enriquecedora e o J. ao partilhar o momento que vivenciou no Brasil está a trazer o seu conhecimento, a sua experiência e a significar aquele momento para si e para todo o grupo.</p>
--	---

### 2.3. Nota de campo nº 3

Data: Dia 22 de abril de 2021

Local: Na sala

Duração: 1,5 minutos

Intervenientes: Educadora e crianças da sala

Notas descritivas	Notas inferenciais
<p>Na sala, as crianças estavam a terminar de lanchar, algumas ainda sentadas à mesa e, outras já a arrumar as suas lancheiras e ir à casa de banho lavar as mãos e a boca.</p> <p>Senti um cheiro a cocó e comentei com a Educador: “Cheira tão mal, não parece ser só um pum!”</p> <p>A Educadora concordou comigo e começou a perguntar se alguém queria ir à casa de banho. Pediu-me que a ajudasse a ver as cuecas das crianças para perceber se tinha havido algum acidente.</p> <p>Perguntei à I. se tinha as cuecas sujas, acenou negativamente e perguntei-lhe se podia espreitar. Disse que sim e vi que estava limpa. Fiz o mesmo com o D. e com o D.</p> <p>Olhei e vi a M. muito quieta, aproximei-me e perguntei-lhe se podia espreitar as suas cuecas, a M. acenou negativamente e respeitei a sua vontade.</p> <p>Continuei a falar com as crianças, mas percebi que era perto da M. que cheirava pior.</p>	<p>No momento em que senti que cheirava mal, não me ocorreu que alguma criança pudesse ter feito cocó nas cuecas.</p> <p>Mas consoante fui sentindo o cheiro a instalar-se percebi que alguma das crianças estaria suja e, quando a Educadora me pediu ajuda tentei ser suave e discreta com as crianças e agir de acordo com o seu consentimento.</p> <p>Quando abordei a M. percebi que estava pouco à vontade e não quis insistir. Senti que podia estar a invadir a sua privacidade...</p> <p>Assim, quando observei a postura da Educadora com a M. senti que esta tinha conseguido ser discreta e tinha conseguido respeitar aquele momento embaraçoso para a M. As restantes crianças não se aperceberam do sucedido e para a M. foi importante uma vez que percebi que estava verdadeiramente embaraçada com aquele momento.</p>

Comentei com a Educadora que a M. não quis que visse as suas cuecas e que a achava muito parada e meia aflita.

A Educadora aproximou-se da M. e falou com ela ao ouvido. Vi-a acenar afirmativamente para a Educadora. Deram as mãos e saíram da sala.

## Anexo 3 – Guiões de Entrevista

### 3.1 Guião de entrevista à educadora cooperante

<b>Tema</b>	A vivência da espiritualidade com as crianças em contexto de jardim de infância
<b>Objetivos Gerais</b>	<p>Conhecer o percurso pessoal a profissional do entrevistado, nomeadamente no que diz respeito à temática em estudo.</p> <p>Conhecer a visão do entrevistado sobre o papel da espiritualidade na infância, nomeadamente no exercício da sua profissão.</p> <p>Identificar estratégias promotoras da espiritualidade na infância no ensino pré-escolar.</p>
<b>Blocos temáticos</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>a) Legitimação e motivação</li><li>b) Percurso profissional da educadora</li><li>c) Espiritualidade na sua vida</li><li>d) Espiritualidade no exercício da sua profissão: conceções e formas de agir</li></ul>
<b>Tipo e estratégia</b>	<p>Semidirecta</p> <p>A entrevista encontra-se organizada segundo blocos temáticos, diretamente relacionados com os objetivos gerais da entrevista e da investigação. No entanto, segue-se e privilegia-se a lógica dos assuntos abordados pelo entrevistado, servindo os blocos, as suas temáticas e respetivas questões apenas como referência para o investigador.</p>

Bloco temático	Objetivos	Tópicos	Exemplos de questões	Observações
<p>a)</p> <p>Legitimação e motivação</p>	<p>Informar o entrevistado sobre o objetivo da entrevista e sobre o trabalho de investigação que se realiza.</p> <p>Valorizar o contributo do entrevistado e agradecer a sua disponibilidade.</p> <p>Garantir a confidencialidade e o anonimato</p>	<p>Os objetivos da entrevista e do trabalho de investigação que se realiza.</p> <p>Agradecer desde logo a sua disponibilidade a oportunidade que me dá de ouvir a sua perspectiva sobre o seu trabalho e sobre a temática em estudo.</p> <p>Registo da entrevista.</p> <p>No caso do entrevistado concordar com a gravação da entrevista, acordar que a transcrição da mesma lhe será entregue, assim que estiver pronta.</p>	<p>Dá-me licença que grave a entrevista?</p>	<p>Explicar que como a Educadora é a pessoa responsável pelo contexto de estágio, pode ser uma mais-valia a sua partilha de experiência para o meu conhecimento sobre o contexto, sobre a sua prática e sobre os seus conhecimentos e métodos de ação.</p> <p>Colocar-me à disposição do entrevistado para responder a quaisquer interrogações, que podem, inclusive, surgir após a explicitação dos objetivos da investigação.</p>

Bloco temático	Objetivos	Tópicos	Exemplos de questões	Observações
<p>b)</p> <p>Percurso profissional da educadora</p>	<p>Conhecer, com detalhe, o seu percurso profissional.</p> <p>Entender quais as suas motivações no exercício da sua profissão.</p> <p>Compreender como define o seu papel na vida das crianças que estão à sua responsabilidade.</p> <p>Compreender o que a liga à instituição onde trabalha.</p>	<p>Dados de identificação pessoal: idade, formação inicial, anos de serviço, instituições onde trabalhou, formação contínua.</p> <p>Motivações intrínsecas e extrínsecas.</p> <p>Ligação à instituição onde trabalha.</p>	<p>Qual a sua formação inicial?</p> <p>Qual o seu percurso até chegar a esta instituição?</p> <p>Há quantos anos trabalha nesta instituição?</p> <p>Tem feito formação contínua ao longo destes anos? Se sim, em que áreas?</p> <p>Relativamente ao trabalho nesta instituição, o que mais gosta?/há algo que que gostasse de mudar?</p> <p>Sente que pertence à instituição?</p> <p>Como encara o seu projeto educativo? Este está presente na sua prática diária com as crianças?</p> <p>O que é para si, no tempo presente, educação de infância, face à experiência vivida,?</p>	<p>Por ser uma educadora que já está na instituição há mais de 10 anos interessa-me compreender o que a liga à instituição, se sente que pertence à mesma, quais as motivações que a ligam à mesma e se acredita naquilo que são os valores e a missão da instituição, nomeadamente no seu projeto educativo.</p>

<b>Bloco temático</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Tópicos</b>	<b>Exemplos de questões</b>	<b>Observações</b>
c) Espiritualidade na sua vida	<p>Conhecer o impacto da espiritualidade na sua vida; perceber o seu percurso espiritual.</p> <p>Entender quais as suas concepções sobre espiritualidade na infância.</p> <p>Compreender como define o seu papel na vida espiritual das crianças que estão à sua responsabilidade.</p>	<p>Noção de espiritualidade</p> <p>Espiritualidade na sua vida</p> <p>Importância da espiritualidade na infância</p> <p>Papel da sua espiritualidade no exercício da sua profissão</p> <p>Papel do educador na espiritualidade das crianças</p>	<p>O que é, para si, a espiritualidade?</p> <p>Considera-se uma pessoa que vive a espiritualidade? Porquê?</p> <p>Como se desenvolveu a sua espiritualidade ao longo da sua vida?</p> <p>Qual a importância da espiritualidade para o exercício da sua profissão?</p>	<p>Procurar a ligação entre o eu espiritual da educadora e a profissão que exerce; refletir sobre como se interligam estes pontos e qual a sua importância enquanto educadora de infância.</p>

<b>Bloco temático</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Tópicos</b>	<b>Exemplos de questões</b>	<b>Observações</b>
d) Espiritualidade no exercício da sua profissão: concepções e formas de agir	<p>Compreender de que forma a espiritualidade está presente no seu dia a dia enquanto educadora de infância.</p> <p>Identificar momentos com as crianças onde desenvolve o eu espiritual de cada uma.</p> <p>Identificar estratégias promotoras do desenvolvimento da espiritualidade nas crianças.</p>	<p>Espiritualidade nas crianças: o seu desenvolvimento.</p> <p>Presença da espiritualidade na vida das crianças.</p> <p>Promoção da espiritualidade nas crianças.</p>	<p>Identifica momentos do seu dia, enquanto educadora, onde desenvolve a espiritualidade com as crianças? Quais?</p> <p>Identifica momentos-chave, que são promotores do desenvolvimento da espiritualidade nas crianças? Quais?</p> <p>Como trabalha com cada criança a sua espiritualidade?</p> <p>Qual o seu papel no desenvolvimento da espiritualidade - de cada criança e do grupo de crianças?</p>	<p>Refletir sobre as oportunidades que surgem com as crianças para trabalhar a sua espiritualidade.</p> <p>Compreender o trabalho de uma educadora com experiência prática nesta área e refletir sobre ele.</p>

### 3.2 Guião de entrevista a uma especialista na área

<b>Tema</b>	A espiritualidade na infância
<b>Objetivos Gerais</b>	<p>Conhecer o percurso pessoal a profissional do entrevistado, nomeadamente no que diz respeito à temática em estudo</p> <p>Aprofundar conhecimentos sobre a temática da espiritualidade, nomeadamente na infância</p> <p>Compreender a visão da entrevistada sobre a temática e refletir em conjunto.</p>
<b>Blocos temáticos</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>e) Legitimação e motivação</li><li>f) Percurso pessoal e profissional da entrevista</li><li>g) Conceção de espiritualidade</li><li>h) Desenvolvimento da espiritualidade na infância</li><li>i) Educação de infância e a espiritualidade</li></ul>
<b>Tipo e estratégia</b>	<p>Semidirecta</p> <p>A entrevista encontra-se organizada segundo blocos temáticos, diretamente relacionados com os objetivos gerais da entrevista e da investigação. No entanto, segue-se e privilegia-se a lógica dos assuntos abordados pelo entrevistado, servindo os blocos, as suas temáticas e respetivas questões apenas como referência para o investigador.</p>

Bloco temático	Objetivos	Tópicos	Exemplos de questões	Observações
<p>a)</p> <p>Legitimação e motivação</p>	<p>Informar o entrevistado sobre o objetivo da entrevista e sobre o trabalho de investigação que se realiza.</p> <p>Valorizar o contributo do entrevistado e agradecer a sua disponibilidade.</p> <p>Garantir a confidencialidade e o anonimato</p>	<p>Os objetivos da entrevista e do trabalho de investigação que se realiza.</p> <p>Agradecer desde logo a sua disponibilidade a oportunidade que me dá de ouvir a sua perspectiva sobre o seu trabalho e sobre a temática em estudo.</p> <p>Registo da entrevista.</p> <p>No caso de o entrevistado concordar com a gravação da entrevista, acordar que a transcrição da mesma lhe será entregue, assim que estiver pronta.</p>	<p>Dá-me licença que grave a entrevista?</p>	<p>Explicar que como a entrevistada é uma especialista na área em estudo, é uma mais-valia ter a oportunidade de a entrevistar e de aprofundar conhecimentos com os seus saberes.</p> <p>Colocar-se à disposição do entrevistado para responder a quaisquer interrogações, que podem inclusive ter surgido após a explicitação dos objetivos da investigação.</p>

<b>Bloco temático</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Tópicos</b>	<b>Exemplos de questões</b>	<b>Observações</b>
b) Percurso pessoal e profissional da entrevistada.	<p>Conhecer, com detalhe, o seu percurso pessoal e profissional.</p> <p>Entender quais as suas motivações para que se tenha dedicado ao estudo da espiritualidade.</p> <p>Perceber qual a importância da espiritualidade no seu percurso pessoal e profissional.</p>	<p>Percurso profissional.</p> <p>Percurso pessoal espiritual.</p> <p>Despertar para a temática.</p> <p>A sua vivência de espiritualidade.</p> <p>Espiritualidade na sua vida profissional</p>	<p>Como tem sido o seu percurso de vida?</p> <p>Qual a sua formação?</p> <p>Quando entrou no mundo da espiritualidade e como?</p> <p>O que a motivou a aprofundar conhecimentos nesta área?</p> <p>A espiritualidade mudou a sua vida? Como?</p> <p>Porque espiritualidade na infância?</p>	<p>Pensar sobre como a espiritualidade pode mudar a nossa vida pessoal e profissional quando despertamos para ela. Esta sempre presente? E na infância?</p>

<b>Bloco temático</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Tópicos</b>	<b>Exemplos de questões</b>	<b>Observações</b>
c) Conceção de espiritualidade	Perceber qual a definição ou quais as definições de espiritualidade para o entrevistado	<p>Conceito de espiritualidade</p> <p>Evolução do conceito</p> <p>Mais que uma definição</p> <p>Subjetividade do conceito</p>	<p>Qual a melhor definição de espiritualidade?</p> <p>É um conceito estanque, igual para todos?</p> <p>Ao longo da sua vida alterou o conceito que defende de espiritualidade?</p>	Definir espiritualidade e pensar sobre a sua definição

<b>Bloco temático</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Tópicos</b>	<b>Exemplos de questões</b>	<b>Observações</b>
d) Desenvolvimento da espiritualidade na infância.	<p>Compreender a presença da espiritualidade na infância.</p> <p>Perceber o desenvolvimento da espiritualidade ao longo da infância.</p> <p>Compreender o papel do adulto na promoção do desenvolvimento da espiritualidade na infância.</p> <p>Identificar, nas crianças, a sua espiritualidade.</p>	<p>Infância</p> <p>Espiritualidade na infância</p> <p>Promoção da espiritualidade nas crianças</p>	<p>A criança é um ser espiritual? Como?</p> <p>Onde se pode identificar, na criança, a sua espiritualidade?</p> <p>Ao longo da infância como se desenvolve a espiritualidade nas crianças?</p> <p>Como pode o adulto promover o desenvolvimento da espiritualidade nas crianças?</p>	Pensar sobre a espiritualidade na infância e o papel do adulto na promoção da mesma.

<b>Bloco temático</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Tópicos</b>	<b>Exemplos de questões</b>	<b>Observações</b>
e) Educação de infância e a espiritualidade	<p>Compreender o papel do educador de infância na promoção da espiritualidade nas crianças.</p> <p>Compreender o papel das instituições de ensino pré-escolar na promoção da espiritualidade nas crianças.</p>	<p>Infância e ensino pré-escolar</p> <p>Promoção da espiritualidade nas crianças</p>	<p>Qual o papel do educador de infância na promoção da espiritualidade na criança?</p> <p>Como pode ser feita a articulação entre o educador de infância e as famílias no sentido da promoção da espiritualidade da criança?</p> <p>Qual o papel das instituições na promoção da espiritualidade das crianças?</p>	<p>Pensar o ensino pré-escolar como promotor da espiritualidade das crianças.</p>

### 3.3 Guião de entrevista a uma coordenadora técnica de uma instituição

<b>Tema</b>	A espiritualidade na infância
<b>Objetivos Gerais</b>	<p>Conhecer o percurso pessoal a profissional do entrevistado, nomeadamente no que diz respeito à temática em estudo</p> <p>Aprofundar conhecimentos sobre a temática da espiritualidade, nomeadamente na infância</p> <p>Conhecer o contexto prático onde a entrevistada trabalha, nomeadamente no que diz respeito à temática em estudo.</p> <p>Compreender a visão da entrevistada sobre a temática e refletir em conjunto.</p>
<b>Blocos temáticos</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>j) Legitimação e motivação</li><li>k) Percurso pessoal e profissional da entrevista</li><li>l) Caracterização do contexto da entrevistada dentro a temática em estudo</li><li>m) Desenvolvimento da espiritualidade na infância</li><li>n) Educação de infância e a espiritualidade</li></ul>
<b>Tipo e estratégia</b>	<p>Semidirecta</p> <p>A entrevista encontra-se organizada segundo blocos temáticos, diretamente relacionados com os objetivos gerais da entrevista e da investigação. No entanto, segue-se e privilegia-se a lógica dos assuntos abordados pelo entrevistado, servindo os blocos, as suas temáticas e respetivas questões apenas como referência para o investigador.</p>

<b>Bloco temático</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Tópicos</b>	<b>Exemplos de questões</b>	<b>Observações</b>
a) Legitimação e motivação	<p>Informar o entrevistado sobre o objetivo da entrevista e sobre o trabalho de investigação que se realiza.</p> <p>Valorizar o contributo do entrevistado e agradecer a sua disponibilidade.</p> <p>Garantir a confidencialidade e o anonimato</p>	<p>Os objetivos da entrevista e do trabalho de investigação que se realiza.</p> <p>Agradecer desde logo a sua disponibilidade a oportunidade que me dá de ouvir a sua perspectiva sobre o seu trabalho e sobre a temática em estudo.</p> <p>Registo da entrevista.</p> <p>No caso do entrevistado concordar com a gravação da entrevista, acordar que a transcrição da mesma lhe será entregue, assim que estiver pronta.</p>	<p>Dá-me licença que grave a entrevista?</p>	<p>Explicar que como a entrevistada é uma especialista na área em estudo, é uma mais-valia ter a oportunidade de a entrevistar e de aprofundar conhecimentos com os seus saberes.</p> <p>Colocar-me à disposição do entrevistado para responder a quaisquer interrogações, que podem inclusive ter surgido após a explicitação dos objetivos da investigação.</p>

<b>Bloco temático</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Tópicos</b>	<b>Exemplos de questões</b>	<b>Observações</b>
<p>b)</p> <p>Percurso pessoal e profissional da entrevistada.</p>	<p>Conhecer, com detalhe, o seu percurso pessoal e profissional.</p> <p>Perceber qual a importância da espiritualidade no seu percurso pessoal e profissional.</p>	<p>Percurso profissional.</p> <p>Percurso pessoal espiritual.</p> <p>A sua vivência de espiritualidade.</p> <p>Espiritualidade na sua vida profissional</p>	<p>Como tem sido o seu percurso de vida?</p> <p>Qual a sua formação?</p> <p>Como vive a sua espiritualidade a nível pessoal e a nível profissional?</p> <p>O que é para si, a espiritualidade na infância?</p> <p>Como se promove?</p>	<p>Perceber o percurso da entrevista e interligá-lo à espiritualidade e ao seu exercício profissional.</p>

<b>Bloco temático</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Tópicos</b>	<b>Exemplos de questões</b>	<b>Observações</b>
c) Caraterização do contexto da entrevistada dentro a temática em estudo.	Conhecer o contexto profissional da entrevistada.  Conhecer a forma como é trabalhada a espiritualidade com as crianças no contexto em questão.	Caraterização da instituição.  Atuação pedagógica da instituição tendo por base a espiritualidade.	Como caracteriza a instituição onde trabalha, tendo em conta a sua atuação pedagógica?  Considera que, na sua atuação, têm sensibilidade e promovem a o desenvolvimento da espiritualidade nas crianças?	Refletir sobre a prática em educação de infância que promove a espiritualidade nas crianças.

<b>Bloco temático</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Tópicos</b>	<b>Exemplos de questões</b>	<b>Observações</b>
d) Desenvolvimento da espiritualidade na infância.	Compreender a presença da espiritualidade na infância.  Perceber o desenvolvimento da espiritualidade ao longo da infância.  Compreender o papel do adulto na promoção do desenvolvimento da espiritualidade na infância.	Infância  Espiritualidade e na infância  Promoção da espiritualidade e nas crianças	A criança é um ser espiritual? Como?  Onde se pode identificar, na criança, a sua espiritualidade?  Ao longo da infância como se desenvolve a espiritualidade nas crianças?  Como pode o adulto promover o	Pensar sobre a espiritualidade e na infância e o papel do adulto na promoção da mesma.

	Identificar, nas crianças, a sua espiritualidade.		desenvolvimento da espiritualidade nas crianças?	
<b>Bloco temático</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Tópicos</b>	<b>Exemplos de questões</b>	<b>Observações</b>
e) Educação de infância e a espiritualidade	<p>Compreender o papel do educador de infância na promoção da espiritualidade nas crianças.</p> <p>Compreender o papel das instituições de ensino pré-escolar na promoção da espiritualidade nas crianças.</p>	<p>Infância e ensino pré-escolar</p> <p>Promoção da espiritualidade e nas crianças</p>	<p>Qual o papel do educador de infância na promoção da espiritualidade na criança?</p> <p>Como pode ser feita a articulação entre o educador de infância e as famílias no sentido da promoção da espiritualidade da criança?</p> <p>Qual o papel das instituições na promoção da espiritualidade das crianças?</p>	<p>Pensar o ensino pré-escolar como promotor da espiritualidade e das crianças.</p>

## Anexo 4 – Transcrição das Entrevistas

### 4.1 Transcrição da entrevista à educadora cooperante

**Data:** 6 de abril de 2021

**Hora:** 12h45

**Duração:** 10 minutos

Questão	Resposta
Posso gravar a entrevista?	Sim (acenando afirmativamente?)
Pode-me falar da sua formação inicial?	Educadora de infância na Maria Ulrich e licenciatura na Maria Ulrich
Qual foi o seu percurso até chegar a esta instituição?	O meu percurso foi curto porque fiz o último ano do curso a trabalhar a tempo inteiro numa IPSS na Avenida de Roma e depois fui para o Centro Social SJ numa sala de 3 anos e depois, na altura da Páscoa a coordenadora da altura foi-me buscar para fazer uma licença de parte numa sala de 5 anos e, fiquei, já não saí.
Trabalha nesta instituição há quantos anos?	Desde 1997, portanto há 23, 25 anos... há mais!
Ao longo destes anos tem feito formação contínua?	Sempre
Em que áreas?	Todas
Alguma da sua preferência?	É conforme os grupos e as necessidades dos grupos, foi tentando descobrir aquilo que eu não consigo desenvolver com eles e que acho que na altura há uma lacuna na minha formação.

	<p>Mas tenho feito várias formações a nível da intervenção precoce, a nível de abordagem à linguagem oral e à escrita, na matemática... de ciência também já fiz, exploração de ambiente... sei lá! Algumas também são sugeridas pela escola e, portanto, também temos que fazer!</p>
<p>Relativamente ao trabalho aqui na escola, o que é que mais gosta?</p>	<p>O que é que eu mais gosto? Trabalhar com as crianças, sem dúvida nenhuma e de organizar as festas, que eu também organizo festas! Sobretudo as festas de Natal!</p>
<p>Há alguma coisa que gostasse de mudar, aqui na escola?</p>	<p>Hum... É uma pergunta difícil, porque já são muitos anos a trabalhar no mesmo sítio e há muitas coisas que, às vezes ficam cristalizadas e é difícil de mudar.</p> <p>Mas, eu acho que como educadora, a vantagem de ser educadora e não professora primária é exatamente isso, é ver as crianças que são sempre diferentes e as aprendizagens podem ser sempre diferentes. Não serem como na primária, serem sempre as mesmas. No primeiro ano eles têm que ler, no segundo ano têm que ler e escrever... no terceiro ano... têm um currículo! Aqui há um currículo não formal e que, normalmente ou eu mando, ou mandam eles... normalmente mandamos os dois e tentamos seguir a linha do que eu acho que é importante adquirirem nesta idade, mas indo ao encontro das necessidades deles e dos seus gostos e interesses... sobretudo dos interesses.</p>
<p>Sente que pertence a esta instituição?</p>	<p>Sinto..., mas já senti mais!</p>
<p>Como é que encara o PE da escola?</p>	<p>Encaro... acho que a M. foi uma senhora fora da caixa para o tempo dela e para a ambição dela como pedagoga, acho que foi uma lufada de ar fresco na educação em Portugal, acho que foi uma mulher com M grande e, ao mesmo tempo, também tinha muitas coisas que vistas de agora para trás eram super inovadoras e que se mantêm e, há muitas coisas que se perderam ao longo dos anos, mas que também tem a</p>

	<p>ver com a evolução da sociedade e tem a ver com a evolução da pessoa como pessoa e da educação em si e do ser como ser, portanto, mas a ideia em si do PE da pessoa ser, aprender e viver sempre com Deus na linha, no fio condutor acho que faz todo o sentido e, para mim faz todo o sentido.</p>
<p>Na sua prática diária, o PE está presente?</p>	<p>Sempre presente, diariamente.</p>
<p>O que é, para si, no presente momento ser educadora de infância?</p>	<p>É um desafio, sem dúvida nenhuma que é um desafio. Porque é de duas maneiras, ainda há muito o estigma da educadora como cuidadora e não como promotora de conhecimento ou provedora de aprendizagens ou descobertas.</p> <p>Temos que gerir muito bem estes pais novos, de uma nova geração em que as preocupações não são propriamente ditas as preocupações... estão muito focados na aprendizagem, na ambição e de ser o melhor, e não na maneira como eles fazem essa aprendizagem. Portanto, é aqui um trabalho difícil. Já são muitos anos na educação e, nem sempre é fácil gerir com esta nova geração que veem a educação como aquisição de conhecimentos físicos: o saber contar, o saber as cores... e não tudo o resto que vem por acréscimo, todo o processo da aprendizagem que vem de trás.</p>
<p>O que é, para si, a espiritualidade?</p>	<p>A espiritualidade é um tema difícil, é um tema que se insere nas crianças desde pequeninos e, eles têm uma sensibilidade à espiritualidade muito mais fácil e prática à medida do que vão crescendo.</p> <p>Porque para eles, o existir de Jesus, vêm o Jesus como uma figura, como um bebé como eles, com uma chucha, deitado num berço, ficam impressionadas quando o Jesus nasce numa manjedoura e não num berço, quer dizer estou a falar em termos muito práticos.</p> <p>Essa espiritualidade para eles, é muito natural, quer dizer eu acho que é como respirar e beber água, eles... faz parte! Se é</p>

	desde pequenino, eu acho que faz parte, é normal, é uma segunda pele.
A Benedita considera-se uma pessoa que vive a espiritualidade?	Considero... quer dizer, sim, acho que sim... Considero, acho que sim
Qual a importância da espiritualidade para o exercício da sua profissão?	(silêncio) Eu acho que a espiritualidade na minha profissão... faz parte do meu ser, portanto... eu sou uma pessoa cristã, eu sou temente a Deus, como todas as pessoas cristãs, vou à missa e tenho fé. E acho que, ao passar essa fé para as crianças, em que existe uma força superior a nós, em que nos move e que é uma ambição tentar chegar aos calcanhares de Jesus na maneira como Ele é amigo do outro, como Ele respeita os animais... quer dizer, tudo isto faz parte da educação, portanto para mim é uma balança equilibrada... quer dizer, o amar o próximo, amar ao outro, amar ao Pai, o respeito pelo outro, pela natureza.. tudo isto também são bases da educação e do ser social numa sociedade atual, portanto acho que está a par e passo, não me transcende.
Identifica momentos do seu dia, enquanto educadora, onde desenvolve a espiritualidade com as crianças?	Todos os dias de manhã quando rezo com eles e, à medida que vão crescendo quando acompanho os grupos, caso o faça... normalmente aos 3 anos eles começam por saber pequenas orações, saber agradecer, pedir pelos pais e pelos irmãos, agradecer o sol ou a chuva, ou a luz e, depois a partir dos 4 e 5 anos já começam a pedir coisas que eles queiram mesmo, ou o avô que está doente, ou rezar pelos pobrezinhos que não têm comida, quer dizer há uma intencionalidade mais profunda à medida que eles vão crescendo, nas orações e no sentido da oração. Mesmo as idas à missa que a escola tem, nas datas formais e nas idas à capela uma vez por semana, em que rezamos ao Jesus e em que eles gostam de ver la as estátuas do Jesus e do Jesus grande, o Jesus pequenino..., portanto, tudo isto faz parte d

	e uma caminhada que eles fazem progressivamente consoante a idade.
Já respondeu à questão seguinte, que é identifique momentos chave que são promotores do desenvolvimento da espiritualidade nas crianças	Já respondi sim!
Como trabalha com cada criança a sua espiritualidade?	Isso é difícil... porque eu acho que não é um trabalho individual, eu acho que é um trabalho de grupo. Eu acho que a espiritualidade é uma coisa que é desenvolvida, individualmente, pessoalmente, mas por cada criança e por cada pessoa. E esse trabalho, nós damos as ferramentas e eles desenvolvem sozinhos, eu não posso dizer que desenvolvo a espiritualidade de a, b ou c, quer dizer... eu planto lá a semente e depois vou regando e logo se vê se germina ou não... é como os feijões há uns que brotam e há outros que não! Mas está lá a semente, eu acho que está lá a semente e fica.
Qual é o seu papel neste semear?	É mesmo esse... é o de semeadora. O fundamental é isso... semear.

## **4.2. Excertos da transcrição da entrevista a uma especialista na área em estudo**

**Data: 7 de julho de 2021**

**Hora: 16h30**

**Duração: 40 minutos**

A dimensão espiritual é constitutiva do ser humano, portanto, é inata do ser humano. Constitutiva é um termo mais correto, porque a pessoa é composta por várias dimensões, a social, a cognitiva, a emocional e a espiritual...

Como é constitutiva nós não temos que introduzir lá nada... a espiritualidade está lá, essa capacidade, essa dimensão. Portanto, o que nós temos que fazer, se pretendemos estimular a espiritualidade, a educação religiosa, temos que cuidar desta dimensão que é como que o terreno fértil onde Deus vai falar com a criança.

Na interação com o outro criamos uma terceira realidade que não é a nossa nem a dele, mas a que resulta da relação entre os dois – Professora Mendes Leal

**- Como é que nós enquanto educadores podemos regar esse solo?**

Se não estamos a trabalhar num contexto religioso, trabalhamos só a dimensão espiritual. A dimensão espiritual serve de base à educação religiosa, ou vale por si só.

Em primeiro lugar não abafar, não abafar as manifestações naturais, portanto essa dimensão espiritual manifesta-se na criança naturalmente e o primeiro cuidado a ter é não abafar, por exemplo o menino diz: eu à noite tenho medo do escuro e vou para a cama da minha mãe. E o outro diz: ah, eu não preciso, porque eu estou no meu quarto, chamo a minha mãe e ele responde. Você não vai dizer ao menino, que disparate a mãe esta a dormir e não ouve! Vai dizer: Que bom! – valoriza o que diz uma coisa e não dá para baixo o que vai para a cama dos pais (isso é entre ele e os pais), quando muito pode dizer: Que bom tu não precisas de apanhar frio que estas na cama dos pais! Nunca achincalhar o outro. Você aí está a valorizar sem destruir.

Valorizar sempre as crianças e o que nos trazem.

Rir é muito importante, o sentido de humor é um fator importantíssimo da educação espiritual e mesmo no evangelho há partes que são, se não é humor é muito perto.

Não abafar as crianças, a parte conceptual é importante depois de colhermos notas de campo, de conhecermos bem as crianças. As crianças é que nos guiam...

### **Desenvolvimento da espiritualidade na infância**

Mais que uma definição ou conceito de espiritualidade, falamos numa dimensão constitutiva do ser humano.

Não se trata de fora para dentro, mas valorizar e estimular o que vem da própria criança - desenvolvimento da espiritualidade.

Não se fala em promoção da espiritualidade, mas em estímulo. O estímulo da espiritualidade na infância, porque é algo que já lá esta... estimular o que vem de dentro.

O meu convívio com crianças, através dos estágios que visitava, dos meus netos mostra-me que as crianças só precisam de ser ouvidas. Se tivermos com eles uma conversa que vá ao encontro das dúvidas deles, estamos a regar e a estimular o seu desenvolvimento espiritual.

Nos jardins de infância na hora da sesta, as vezes a pessoa abeirando-se ao pé deles... podemos rezar com eles, ouvi-los e aproveitar estes momentos de um para um.

Nós damos a nossa parte e eles fazem a parte deles.

Promoção não é uma boa palavra, reconhecer e estimular o que vem da criança.

A espiritualidade que é a tal dimensão inerente e constitutiva da pessoa humana manifesta-se, ou seja, é observável de formas diferentes consoante a idade. Temos que estar abertos e sensíveis e podemos alimentar, enriquecendo as suas experiências. Tudo o que é observar a vida, agradecer a vida.

Não temos que fazer as coisas por rotina, mas com significado. Não vamos a capela por rotina, vamos por alguma razão... observamos as crianças e aproveitamos o que nos dão com a nossa intenção.

Ir a capela mecanicamente, rotineiramente não, tem que haver um sentido, ou vamos por flores, ou vamos cantar.

**- Como é que eu consigo tornar o momento da missa na escola, num momento com significado?**

Vai haver uma missa, chega a responsável e diz que amanhã tem uma missa, para eles já é rotina. Mas pode dar a volta, por exemplo dizer-lhes: então e se fizermos uma surpresa aos outros meninos, vamos fazer flores de papel para pôr lá! Tornar qualquer coisa diferente, dar-lhes significado. Eles já não querem saber da rotina, prendem-se à flor. Damos uma flor a cada um que entra por exemplo. As rotinas são o pior.

Ninguém pode mudar o mundo, mas pode torná-lo um bocadinho melhor.

Dar cor, calor, luz aos nossos meninos. Transformar a seca e a rotina em alguma coisa, mas às vezes tem mesmo que ser uma seca.

A maior aprendizagem que pode levar para si é a disponibilidade, o poder de observação e a responsividade tem que ser uma educadora atenta, responsiva e também capaz de estimular. Introduzir o que estimule.

Uma pessoa que está motivada para a parte espiritual depois sabe orientar as crianças e tem capacidade de estimular a partir da observação e da relação. Esta atenta e é natural que consiga trazer para a conversa os estímulos necessários e oportunos.